

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

EVELLYN FERREIRA DE SOUZA

LIÇÕES *ON-LINE* DA “LITERATURA DA SECA” POR *BOOKTUBERS* E PROPOSTAS DE SENTIDO SOBRE SERTÃO/NORDESTE

**Delmiro Gouveia
2023**

EVELLYN FERREIRA DE SOUZA

LIÇÕES *ON-LINE* DA “LITERATURA DA SECA” POR *BOOKTUBERS* E PROPOSTAS DE SENTIDO SOBRE SERTÃO/NORDESTE

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

Delmiro Gouveia
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S7191 Souza, Evellyn Ferreira de

Lições on-line da “literatura da seca” por *Booktubers* e propostas de sentido sobre sertão/nordeste / Evellyn Ferreira de Souza. - 2023.

59 f. : il.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Linguística aplicada. 2. Literatura da seca. 3. *Booktubers*. 4. Vídeo-resenhas. 5. Sertão. 6. Nordeste. I. Santos Filho, Ismar Inácio. II. Título.

CDU: 81'27

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Evellyn Ferreira de Souza
Discente da UFAL - Campus do Sertão

DATA DE AVALIAÇÃO: 05.09.2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – Orientador (PPGLL-FALE; UFAL-Campus do Sertão; GELASAL)

Profa. Dra. Débora Raquel H. Massmann- Avaliadora interna
(PPGLL-FALE; UFAL - Campus do Sertão)

Prof. Me. Hugo Pedro Silva dos Santos - Avaliador externo
(PPGEL-UFRN; GELASAL)

Dedico esta escrita a você.
Que essa leitura possa servir como um guia para
novos discursos sobre/para o Sertão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, que está sempre a me guiar, a me estender a mão e que nessa jornada acadêmica nunca me desamparou.

À minha mãe, Jozenilda Rocha, que é a minha musa inspiradora como profissional, mãe, filha e amiga. palavras não descrevem a gratidão que sinto por ter me proporcionado sempre uma boa educação, por ter sido meu amparo nos anos em que habitei em Delmiro Gouveia, para enfrentar a jornada que é a vida universitária. Ao meu pai, Eliezer Ferreira, por estar sempre me dando o apoio necessário e me orientando. Eu os amo incondicionalmente. O meu desejo é sempre orgulhá-la e orgulhá-lo.

Ao meu irmão Jackson Ferreira, que sempre está a me ouvir, aconselhar, apoiar e ajudar. Eu o admiro e o amo muito por ser um ser tão amável e tão bondoso.

À minha prima Déborah Ferreira, que foi a minha companheira não só de apartamento, mas na vida também. Aos meus primos Eric, Mikele, Letícia, Isabela, Arthur e Samuel Filho por estarem sempre presentes na minha vida.

Aos meus colegas de classe que se tornaram meus grandes amigos na vida, Denise, Ana Isabel, Aparecida Soares, Felipe Ramon, Murilo, Dinho, Elisabete, Ítalo Caique, Eric, Wires, Mayza, Lucas, Raquel e Camila.

Ao meu querido amigo, Hugo Pedro da Silva Santos, que foi e é um grande companheiro, sempre disposto a me ouvir, me incentivar e fazer os meus dias na UFAL serem mais leves.

À UFAL e ao programa de Bolsa Pró-Graduando por me possibilitar recursos para a minha permanência na universidade.

Ao Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), coordenado pelo Professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, espaço que me fez crescer como sujeita no mundo, modificou meus pensamentos, abriu meus olhos. Hoje posso me ressignificar enquanto sertaneja/nordestina.

E ao meu querido professor e orientador, professor doutor Ismar Incácio dos Santos Filho, por me possibilitar alçar tantos voos, pelos puxões de orelha, pelo incentivo e pela oportunidade de crescer academicamente. Serei sempre grata por tantos saberes compartilhados.

RESUMO

A Linguística Aplicada é uma área de conhecimento de caráter indisciplinar e transdisciplinar dos estudos em linguagem. Situada nesse campo, essa pesquisa se pauta nesses pressupostos teóricos, que rivalizam com maneiras estanques de se pensar e dizer o mundo. Assim, são analisadas vídeo-resenhas de obras literárias destinadas a concurseiros, estudantes e acadêmicos, obras que são denominadas criticamente de “literatura da seca”, pois retratam o grande período de estiagem de 1877 a 1879 e a estiagem de 1915. Para tanto, compreendemos que o sentido de “sertão” foi forjado e raptado através de ideologias dominantes como a mídia, a política e o Estado. Dito isto, se faz necessário compreender e problematizar essas “atualizações” feitas pelas vídeo-resenhas veiculadas na plataforma *YouTube* que ofertam uma proposta educativa, formando olhares e forjando sentidos sobre o território partindo desses romances literários. Nesse sentido, as vídeo-resenhas a serem analisadas são dos livros “Os retirantes” de José do Patrocínio (1878), “A fome” de Rodolfo Teófilo (1890), “Luzia-Homem” de Domingos Olímpio (1903) e “O quinze” de Raquel de Queiroz (1930), resenhadas pelos booktubers “Eu, Reb Pinheiro”, “Livros e E-books” e “Ler antes de morrer”. Assim, além desse trabalho possibilitar compreender como esses enunciados constroem dizeres sobre o Sertão/Nordeste, visa investigar e discutir como essas propostas de sentido sobre a seca são colocadas e analisar as performatividades salientadas sobre o sertão/Nordeste e sobre o sertanejo/nordestino, quais são os gestos didáticos que as sustentam e discutir o conceito de seca exposto. Partindo dessa perspectiva, a pesquisa faz um percurso de estudos fundamentados na Linguística Aplicada, pautada em pressupostos interpretativistas, agenciando saberes da geografia, da história e da vida social, entendendo a metodologia da etnolinguística da fala viva e dos pressupostos enunciativos discursivos que interpreta e desconstrói tais discursos estereotipados, ressignificando-os. Nesse sentido, se encontra pautada teórico- metodologicamente em Albuquerque Jr. (2014, 2016, 2019, 2021), Bortoni-Ricardo (2008), FABRÍCIO (2006), Moita Lopes (2006, 2009), ROJO (2006), Signorini (1998) e Volochinov (2016), entre outros. Por isso, os resultados dessa pesquisa expõem uma gama de discursos elitistas em torno da territorialidade e do sujeito, a exemplo de “(...) mas o problema de verdade que é o problema da seca do Nordeste, esse continua igualzinho, igualzinho há 100 anos atrás” que precisam continuar sendo estudados desconstruídos e que uma nova matriz discursiva precisa ser construída.

Palavras-chave: Sertão/Nordeste. *Booktubers*. Literatura da seca. Linguística Aplicada. Vídeo-resenhas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - <i>Prints</i> da <i>Websérie</i> Semiárido das nascentes	11
Figura 02- Capa da revista <i>Veja</i> -São Paulo, aniversário de São Paulo	14
Figura 03- Narrativas contemporâneas da “seca”	26
Figura 04- Sertão nordestino em livro didático	32
Figura 05- De sertão a deserto	35
Figura 06- Sub-regiões do nordeste	37
Figura 07- Capa do romance <i>Os Retirantes</i> de José do Patrocínio	39
Figura 08- Capa do romance <i>O Quinze</i> de Rachel de Queiroz	39
Figura 09- Capa do Romance <i>A fome</i> de Rodolfo Teófilo	40
Figura 10- Capa do Romance <i>Luzia-Homem</i> de Domingos Olímpio	40
Figura 11- <i>Print</i> retirado do vídeo: Ano I. Vídeo II. Rodolfo Teófilo. <i>A fome</i>	45
Figura 12- <i>Print</i> retirado do vídeo: <i>LUZIA-HOMEM</i> , de Domingos Olympio	50
Figura 13- <i>Print</i> retirado do vídeo: <i>O Quinze</i> - Rachel de Queiíoz	51

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	09
INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 02	19
LINGUÍSTICA APLICADA.....	19
2.1 LA: aspectos da historiografia da área	19
2.2 LA e a intersecção <i>linguagem e território</i>	25
CAPÍTULO 03	29
REGIÃO, ESPAÇO E TERRITÓRIO SERTÃO/NORDESTE.....	29
3.1 Noção de “região”	30
3.2 Sobre “sertão” e “invenção”	35
CAPÍTULO 04	42
VÍDEO-RESENHAS, PROPOSTAS DE ENSINO E O SERTÃO/NORDESTE ...	42
4.1 Vídeo-resenhas, propostas de ensino e o sertão/Nordeste	44
4.1.1. Vídeo-resenha sobre a Fome, Rodolfo Teófilo	45
4.1.2 Luzia-homem em vídeo-resenhas	49
4.1.3 O Quinze em vídeo-resenhas	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

CAPÍTULO 01 INTRODUÇÃO

Cursar Letras- Língua Portuguesa era na verdade um sonho secundário. O que eu queria mesmo era ser jornalista, mas também queria ser professora universitária. Em 2017, acabando de terminar o Ensino Médio, deparei com a decisão mais importante da minha vida até então: Qual curso acadêmico iria nortear os caminhos da minha jornada? Escolhi o curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, situado em Delmiro Gouveia, Alagoas, sertão alagoano. Eu não sabia o que estava por vir, mas sabia que seria muito feliz durante o percurso, e fui!

No dia 31 de julho de 2017, tive o meu primeiro contato com a Universidade. A turma do primeiro período estava tendo a sua Aula Magna no restaurante universitário, e foi nesse dia que conheci o professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho. Ele estava apresentando as suas vertentes de estudos e dentre elas estava a Linguística Aplicada (doravante LA). Eu não sabia o que era, para onde ia e de onde vinha, mas achei muito interessante o fazer analítico em que essa área de estudos estava imbricada. Passaram-se os períodos e eu me vi apaixonada pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa, pela influência dos docentes que eram, em sua maioria, da área. Porém, sentia que ali ainda não era o lugar em que eu deleitaria noites de estudos com prazer, apesar de gostar muito do que a AD proporcionava. Então, foi durante o 5º período que tive o contentamento de cursar a disciplina de “Linguística Aplicada” e adentrar no mundo de coisas/possibilidades discursivas que podemos agenciar através das práticas sociais e de diferentes agenciamentos de saberes.

Sobre práticas, viver no sertão/Nordeste sempre foi uma alegria e gratificação divina, foram e são lugares em que sempre vivi bem, vivi feliz e vi todos prosperarem. Porém, sempre achei curioso que os jornais, as telenovelas, a mídia em si, sempre tenha gerado uma grande imagem do Nordeste como um lugar inóspito, sem vida e pacato. Tais adjetivos iam de encontro às minhas vivências e se chocavam, pois o sertão/Nordeste vivido pelos nordestinos/sertanejos não é o descrito nos meios de veiculação midiáticos, não era para mim. Entretanto, apesar de questionar tais posicionamentos, acabamos acostumados a ouvir tais descrições e não as questionamos mais, enraizando-as e tomando-as como verdade.

Então, foi em 2020, em meio ao caos pandêmico, que tive a oportunidade de

ingressar no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), que possibilitou a construção de novas perspectivas sobre o Sertão/Nordeste através de leituras e discussões semanais por meio do grupo do *Facebook* e das chamadas de vídeo pela plataforma *Skype* e que, posteriormente, adotamos o *Google meet*, grupo que neste ano de 2023 completa 10 anos de pesquisa ativa sobre a interface *linguagem e território*.

Esse Grupo orientado pelo professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho me deu a oportunidade de adentrar na pesquisa científica com mais afinco, pois participei como colaboradora do ciclo PIBIC 2020-2021 com o projeto intitulado “O Sertão “re”-enunciado – faça chuva ou faça sol, há vida”, tendo como título de plano de trabalho individual “Na internet, outros sertões”, em que foram analisados vídeos da *Websérie* “Semiárido das nascentes”, publicada no site do jornal “O povo”, em 2019, jornal muito conhecido principalmente no estado do Ceará, vídeos nos quais há relatos de pessoas que vivem no sertão cearense e que não fizeram o movimento de retirada do Nordeste para as grandes metrópoles em busca de emprego, pois são empreendedores e, onde vivem, vivem bem por serem bons produtores, desmistificando assim a ideia de que no sertão/Nordeste não há a possibilidade de sobrevivência dos frutos plantados e colhidos da própria terra, no sentido literal e não literal, pois também há a visão de que nos interiores só há a produção plantações de alimentos, sendo ópticas irrisórias. O *Websérie* pode ser acessada em < <https://especiais.opovo.com.br/semiario/> >.

Nesse sentido, é importante refletir, num primeiro momento, sobre o título dos vídeos, “Semiárido das nascentes”. Ante esse título, o jornal “O Povo” apresenta dez nascentes. Se nos ativermos à locução adjetiva “das nascentes”, para “semiárido”, podemos compreender são gerados aí novos sentidos para semiárido, já que “nascente” é um lugar onde começa o curso da água, que tem por sinônimo as palavras “novo”, “surgente”, “embrionário”. Partindo dessa compreensão, podemos entender as dez nascentes como dez semiáridos/sertões possíveis. Vejamos imagens das seis narrativas contadas na *websérie*:



Figura 01: *Prints da Websérie Semiárido das nascentes.*

Fonte: O Povo, 2019.

Assim, no primeiro episódio da websérie, intitulado “Semiárido das Nascentes: Rayssa e o mundo de lá”, retrata a vida de uma jovem que morava em Fortaleza, capital do Ceará, e que foi morar no sertão cearense, na cidade de São Gonçalo do Amarante, porque, ao ter contato com o campo, observou diversas oportunidades de trabalho, sendo não mais necessário para os jovens fazer o movimento de retirada do campo para conseguir progresso econômico. No caso dela o movimento foi diferente.

O segundo episódio, intitulado “Semiárido das Nascentes: Gil e o bordado de cada dia”, narra a vida de um jovem que viu no bordado a oportunidade de desenvolver o seu empreendimento na costura e ampliar o seu negócio. Ele enfatiza que nasceu e se criou na região e que não sente vontade e nem vê necessidade de sair do município de Pentecoste.

O terceiro episódio, intitulado “Semiárido das Nascentes: José e o oásis de mamão e melancia”, passa-se na cidade de Creteús e conta a vida do senhor José Osmar, que

sempre trabalhou na roça, enfrentou algumas dificuldades por não ter terra para plantio de sua propriedade, mas que conseguiu comprar suas próprias terras e afirma que tem uma boa renda, é feliz, tem carro, moto e transformou a sua plantação e um negócio familiar.

O quarto episódio, intitulado "Semiárido das Nascentes: Chico do Leite, o fazedor de água", conta a história de Francisco Linhares, morador de Senador Pompeu que afirma que "o semiárido é rico", possui tecnologia de primeira água captada, comportando 16 mil litros para uso próprio seu e de sua família, de segunda água, de 52 mil litros, para uma parte do seu quintal produtivo, a outra parte é transformada em reuso. Segundo informa, a água passa por um filtro biológico e fica limpa, mas também há um filtro biológico que serve para plantio de bananeiras e tomates. Afirma que ama o que faz na agricultura e que isso não tem preço.

O quinto episódio, intitulado "Semiárido das Nascentes: Francisco Gonçalves com o vento a favor", narra a história de um homem que vive na cidade de Quixeré e que começou a trabalhar na agricultura aos 06 anos de idade. Apesar disso, ele afirma que há paixão pelas raízes do semiárido. Vive da produção de acerola, além de outras plantas, mas que a acerola é sua maior fonte de renda, pois a processa em polpa e a vende nos comércios ao redor da região, num processo de industrialização.

O sexto e último episódio é intitulado "Semiárido das Nascentes: Francisco Nogueira e a leitura das árvores", que conta a história de Francisco Nogueira, homem nascido e criado em Jaguaribe, que trabalha em um negócio familiar com os filhos na produção de queijo e iogurte, além de ter duas parcerias que trabalham seus produtos artesanais. No seu negócio, faz uso da energia solar e afirma que dá até para distribuir a energia, e afirma "aqui é maravilhoso, vivemos numa terra rica, um dos melhores solos do mundo".

É possível observar que os sujeitos citados acima e que aparecem nas imagens montadas não veem a necessidade de retirada das suas cidades, quebrando todo o estereótipo criado acerca do sertão/ semiárido/ Nordeste, de que é um lugar inóspito, sem perspectiva de vida, sem progresso e até mesmo sem informação. Os sujeitos narrados encontram saídas econômicas para viver bem no lugar em que cresceram. Nota-se que há recursos tecnológicos que funcionam perfeitamente e que são transformados em meio de trabalho e é nesse sentido que o grupo de estudos no qual estou inserida procura problematizar e desmistificar os discursos estereotipados sobre Sertão/Nordeste.

Por isso, em setembro 2021, decidi continuar como membra do GELASAL e como

colaboradora do ciclo PIBIC 2021-2022, mas dessa vez com o projeto “Educação [linguístico- literária e histórico-geográfica] sobre/para o “sertão/nordeste em livros/ materiais didáticos, cujo título do plano de trabalho individual era “Lições on-line da ‘literatura da seca’ por booktubers e propostas de sentido sobre Sertão/Nordeste”, do qual este Trabalho de Conclusão de Curso é uma extensão dessa inquietação, nascida durante esse ano de pesquisa acadêmica.

Foram nesses anos de pesquisa que pude construir um novo olhar para os discursos apresentados a mim e questionar que Sertões e que Nordeste são esses enunciados em diversas e diferentes esferas de comunicação, incluindo a esfera escolar. Quais os olhares criados acerca do clima semiárido, popularmente conhecido como o clima *seco*, terrivelmente temido e muito dito? De onde surgiram tais afirmações? O historiador Albuquerque Júnior argumenta:

O Nordeste surge como reação estratégicas de nacionalização que o dispositivo da nacionalidade e a formação discursiva nacional-popular põem em funcionamento; por isso não expressa mais os simples interesses particularistas dos indivíduos, das famílias ou dos grupos oligárquicos estaduais. Ele é uma nova região nascida de um novo tipo de regionalismo, embora assentada no discurso da tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado. O Nordeste nasce da construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados (ALBUQUERQUE JR, 2011. p. 80).

Essa região tão aclamada pela mídia foi o resultado do movimento de retirada do centro econômico do país que saiu das cidades litorâneas do Nordeste e foi para o Sul do país, fazendo, assim, com que houvesse um jogo de relações de poder e esse poder viria não só do meio econômico, mas também dos discursos propagados sobre essa região para que o poder sempre estivesse onde essas elites estivessem também. E é nesse aspecto que podemos compreender a relação *linguagem e território*, e como as práticas discursivas forjam sentidos sobre um lugar. A Linguística Aplicada ao fazer a ciência num viés transdisciplinar e indisciplinar ajuda a desmistificar tais impasses, através do agenciamento de saberes da história, da geografia, da linguística e também, nesse trabalho, da literatura brasileira, pois esses diversos campos de saberes contribuem na pesquisa para a produção de sentidos; todos participam de uma roda viva discursiva.

O Nordeste, nesse sentido, nasce de uma construção discursiva de uma elite conservadora e saudosista que alimenta toda uma população de um país com imagens e descrições de um lugar inóspito, de fome, miséria e infelicidade. A Linguística Aplicada

possibilita romper esses sentidos, trazendo uma nova face do sertão/nordeste vivido nos dias atuais pelos que habitam nessa região e não pelos que a descrevem e muitas vezes não chegaram nem a bater os pés na calçada para tirar a poeira dos pés e conhecer o Nordeste/Sertão do século XXI. E é por tais propagações, de tanto ouvirmos falar desse contexto social miserável, que produzimos e reproduzimos o Nordeste da rapadura e da falta de água, do êxodo rural e da salvação milagrosa, que é fazer o movimento de retirada do Nordeste/sertão para as grandes metrópoles. A partir disso, podemos então compreender os discursos proferidos pela revista *Veja-São Paulo* na edição de 27 de janeiro de 2021:



Figura 02: Capa da revista *Veja-São Paulo*, aniversário de São Paulo.

Fonte: *Veja*, 2021.

Sobre essa capa de revista, durante algumas reuniões do Gelasal, naquele ano, passamos a discutir esse texto e tudo o que nela há. Alguns aspectos me chamaram mais atenção: é importante enfatizar que esta edição foi publicada no aniversário da cidade de São Paulo como homenagem, com a manchete “A capital do Nordeste”. Atentando aos elementos imagéticos, temos uma construção discursiva conservadora, aquela que a

grande mídia incessantemente produz ao dizer sobre o que é o Nordeste. Ao fundo, há a predominância da cor marrom, remetendo às casas de barro que eram comuns na região ainda no século XX e ao solo de barro. Também há o uso de bancos feitos de madeira e do uso do cacto, remetendo à vegetação típica deste lugar, criando e reforçando uma homogeneidade visual. Há a presença de quatro homens e duas mulheres, que são denominados na manchete de “Novos migrantes”, pessoas que aparecem sorridentes, estando dois deles contraindo o braço, remetendo ao imaginário de força braçal do nordestino. Todas estas características citadas presentes na imagem foram escolhidas com um propósito, qual seja, o de fazer um resumo simplificado e empobrecido do que é o Nordeste, além da invenção de uma caricatura do que é o nordestino. Desta maneira, fica evidente que são colocadas etiquetas para o povo e para região, construindo o modo de ser e de viver que é considerado válido.

O discurso “A capital do Nordeste” e “Os novos migrantes que reinventam o *design*, a gastronomia, as *startups* e outras atividades da metrópole, que completa 467 anos” transmite para o(a) leitor(a) a ideia de que o Nordeste é um “estado” que não possui capital e que a capital para a qual os nordestinos migram é São Paulo. Nesta capital, os NOVOS migrantes não estão mais sendo submetidos ao trabalho braçal apenas, estão se destacando em outras áreas profissionais. Estes “novos” não são como os “antigos”, pois possuem escolaridade e estão reinventando esses campos de trabalho, “informa” a revista.

Deste modo, deve-se pensar o encontro da língua/gem, do geográfico e do histórico com o político, levando em consideração que a língua é um sistema linguístico que está em ação e que os usos da linguagem produzem significados, partindo de uma dimensão não abstrata, mas pautado em propósitos ideológicos. Assim, a Linguística Aplicada se distancia da abordagem do estruturalismo, preocupando-se com os aspectos linguísticos que rivalizam com o modelo cartesiano-positivista e dialoga com o social e o político, realizando agenciamento de saberes. Analisando o enunciado, é possível enxergar que há o uso do poder que a grande mídia possui, perpassando sentidos como a criação de sujeitos e de uma região.

O Nordeste é uma região que possui nove estados, todos possuindo capital/metrópole. Entretanto, no texto jornalístico comentado, o culturalismo conservador das elites senhoriais reforça um imaginário colonizador, aproveitando-se da influência das instituições midiáticas e do Estado que fazem mudanças ideológicas e morais, favorecendo o mercado capitalista e marginalizando a população. Por isso, o Nordeste é a idealização do passado senhorial/ escravista, é o produto da nostalgia do escravo. Há

então, em decorrência desse imaginário, a urgência de problematizar olhares e práticas discursivas sobre o que é o sertão, pois implicam diretamente no social, no geográfico e no histórico de uma região conhecida por caracterizações animais.

É nesse viés discursivo que compreendemos como a Linguística Aplicada (doravante LA) se faz de fundamental importância para percebermos esses discursos e como eles estão colocados nas diferentes esferas de comunicação, seja a escolar, a midiática, a jornalística etc. Todo e qualquer meio de discurso propaga dizibilidades e visibilidades como essas da revista *Veja*, que são acessadas, lidas, internalizadas e propagadas por uma gama de sujeitos que se assujeitam aos discursos a que são postos.

Tais discursos são construídos desde a denominada “A grande seca”, ocorrida nos anos de 1877- 1879, que foi um fenômeno climático de um longo período de estiagem. Utilizando como uma grande arma poderosa o discurso, a elite nordestina criou uma imagem pitoresca do Nordeste/sertão como inóspito, pobre e triste. Assim, compreendemos como os sentidos como os da revista *Veja* foram construídos. À época, eram utilizados como meios de comunicação os escritos jornalísticos e também livros literários.

Partindo do que é observado na materialidade citada anteriormente e levando em consideração que hoje temos diversos veículos de comunicação, faz-se necessário perceber como esses discursos são propagados (ainda) no século XXI, por quem e para quem eles são destinados. Assim, debruço-me sobre lições *on-line* da/sobre a “literatura da seca” feitas por *booktubers* e suas propostas de sentidos sobre o sertão/Nordeste, visando, em linha gerais, compreender e problematizar como essas atualizações sobre essas lições da dita “literatura da seca” são colocadas nas vídeo-resenhas, especificamente nas motivações e os porquês dessas obras serem atualizadas pelos *booktubers* e pelos internautas, observando quais aspectos didáticos são utilizados para compor esses discursos e criar uma verossimilhança ao século XXI, refletindo essas performances e as propostas que são criadas acerca do conceito de seca, estiagem, semiárido, Nordeste e sertão e problematizar como esses discursos podem causar impacto na esfera cibernética e na vida dos sujeitos.

Poderemos entender tais intentos nas materialidades que serão utilizadas. São vídeo-resenhas que expõem essa “literatura da seca”, partindo de opiniões pessoais e impessoais, das suas intenções leiturísticas e do que se foi absorvido durante a jornada de leitura, de livros que são utilizados em escolas e universidades. Eles são: “Os Retirantes”, de José do Patrocínio, de 1878, “A Fome”, de Rodolfo Teófilo, de 1890, “Luzia-Homem”,

de Domingos Olímpio, de 1903, “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, de 1930, e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, de 1938. E os canais acessados são “Eu, Reb Pinheiro”, “Livros e E-books” e “Ler antes de morrer”.

Este trabalho assume, então, uma perspectiva indisciplinar e transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), agenciando diversos saberes, entre eles o político, o histórico, o geográfico, o linguístico e o literário para compreendermos como a história e a geografia possuem grande responsabilidade na construção de ideologias sobre linguagem e território, como veremos a seguir no capítulo 02. E, para isso, mobilizo conhecimentos produzidos durante esses anos de estudos realizados no GELASAL, que foram aparados teoricamente por Albuquerque Júnior (2014, 2016, 2019), que fez entender esse jogo discursivo de como surgiu o Nordeste/Sertão e como ele é imposto, por Bortoni- Ricardo (2008), para entender a pesquisa qualitativa, por Fabrício (2006), Moita Lopes (2006, 2009), Rojo (2006) e Signorini (1998), com quem podemos enxergar como a Linguística Aplicada tem papel fundamental no questionamento, Volochinov (2016), de modo a compreender a linguagem como fundamental nessa pesquisa e nas perspectivas a que nos filiamos, dentre outros autores.

Para tanto, o presente trabalho de pesquisa está organizado em quatro capítulos. O primeiro deles fala sobre a minha trajetória como estudante do curso de Letras- Língua Portuguesa do Campus do Sertão, desde a minha escolha para o ingresso no curso ao meu envolvimento na pesquisa científica, e alguns dos trabalhos até aqui já elaborados durante esse percurso. O segundo capítulo trata sobre a Linguística Aplicada e como a sua metodologia percorre entre as diferentes áreas de saberes através da sua indisciplinaridade e transdisciplinaridade, enfatizando como essa transição é importante para que nasçam novos saberes, novos discursos e ressignificações.

Assim, no terceiro capítulo fica evidente como esse agenciamento se faz a partir da discussão sobre região, espaço e território, para compreendermos como a geografia, a história, a linguística, a literatura, a mídia e diversas áreas de saberes se encontram e precisam ser estudadas para pensarmos nas video-resenhas analisadas. Nesse sentido, no último capítulo, estudo e analiso as propostas didáticas sobre sertão/Nordeste tensionadas pelos *booktubers* nas video-resenhas, notando quais recursos são utilizados para convencer o público sobre as perspectivas de leitura acerca dos romances lidos e resenhados.

Nas considerações finais, aponto os resultados obtidos durante o percurso da pesquisa, enfatizando a importância da criticidade ao termos contato com leituras que

retratam o passado, trazendo-as para o presente, para que haja uma comparação que ressimbolize tantos discursos que ultrapassam a realidade e hajam novas lições e propostas de sentido sobre o sertão/Nordeste.

CAPÍTULO 02

LINGUÍSTICA APLICADA

A produção de conteúdo científico-acadêmico passa de forma significativa pelas discussões sobre os modos através dos quais determinadas áreas de conhecimento produzem saberes destinados à compreensão de áreas da vida social e das relações estabelecidas entre sujeitos na sociedade. Compreendendo tal aspecto, neste capítulo objetivo discutir questões relacionadas à epistemologia em Linguística Aplicada (doravante LA) e as preocupações sobre os constructos que têm norteado os estudos nesta área de conhecimento, que pode ser pensada através da metáfora de uma efervescência de rupturas, pois, conforme argumenta Moita Lopes (2006),

A grande preocupação de muitos pesquisadores que atuam nas ciências sociais tem sido a possibilidade de inaugurar “um novo paradigma social e político” quanto “epistemológico”. A questão contemporânea parece ser relativa ao reinventar a vida social, o que inclui a invenção das formas de produzir conhecimento, uma vez que a pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la (MOITA LOPES, 2006, p. 85).

Desta forma, o estudo aqui desenvolvido está situado na LA por participar, através do GELASAL, de um novo paradigma de ordem social e política, no qual há a compreensão de que a realidade social e seus aspectos socioterritoriais são construções situadas na e pela linguagem e a intersecção com o território. Em diálogo com o que discute Moita Lopes (2006), no decorrer do capítulo discuto sobre aspectos epistemológicos da LA, sobretudo acerca da necessidade de estudos situados que promovam a discussão sobre o papel da linguagem na construção dos dados de significação social. No decorrer do capítulo discuto acerca da intersecção *linguagem e território*, trazendo à baila a concepção de linguagem para Bakhtin (2010) e Volochinov (2016).

2.1 LA: aspectos da historiografia da área

Na historiografia do conhecimento a compreensão de “progresso” científico se dá, conceitualmente, de duas formas distintas. A primeira concepção afirma que o conhecimento é produzido mediante acumulação estrutural e sistemática de saberes,

técnicas, metodologias e demais aspectos relacionados à produção de conteúdo científico. A outra versão destaca e defende que o conhecimento é produzido por rupturas, no sentido de que as técnicas, saberes, metodologias e demais aspectos epistemológicos são construídos por meio de embates, discordâncias e pontos de vista diferentes que produzem rupturas, ou seja, ação ou efeitos de romper, de fraturar, de quebrar o que foi postulado anteriormente acerca de determinada questão.

Dado os dois aspectos conceituais principais postulados pela historiografia do conhecimento, penso que a história da LA está galgada justamente em processos de ruptura, de fratura, de quebratura e interrupção de continuidade de aspectos epistemológicos hegemônicos, conforme podemos aprender em Moita Lopes (2009). Todavia, existe na área, também, pressupostos de continuidade, os quais não privilegiei nas abordagens deste trabalho.

Nesta perspectiva, Moita Lopes (2009) destaca que a LA surge ainda na década de 40, no contexto de guerra, tendo como enfoque principal o ensino-aprendizagem de línguas. Diria respeito à aplicação de saber linguístico à aquisição e ensino de línguas, sobretudo no ensino do inglês em processo de dominação, que, para além da guerra física, se deu também na compreensão de que a língua(gem) é um artefato de poder significativo na sociedade, se não o principal. Neste momento histórico a LA se organiza em torno dos avanços obtidos pela Linguística, área “mãe” da LA.

Neste momento em que a LA é compreendida como aplicação de linguística existe uma vinculação significativa e determinante aos paradigmas científicos modernos, sobretudo no que tange ao ideal cartesiano e positivista, estando o ideal cartesiano para o método científico que é lastreado metodologicamente na dedução pura, no qual há a busca por verdades absolutas denominadas de axiomas simples que seriam evidenciados por si mesmos. Haveria, posteriormente, um processo de racionalização profunda que seria a base consolidante de verdades pretendidas enquanto universais e únicas. Já o positivismo, corrente filosófica surgida em meados do séc. XIX, defende que o conhecimento científico seria a maneira primordial para a obtenção de um conhecimento verdadeiro.

Na base da ideia modernista de produção de conhecimento em linguística existe a compreensão de que a produção de conhecimento é/deve ser neutra, de que o objeto de estudos deve ser abstrato e residual, ou seja, “limpo” de aspectos que contaminem ou prejudique o olhar do pesquisador ante seu objeto de investigação. Existe a compreensão, nestas ideias, de que a pesquisa não é política e que teria como fim explicar, através das relações de causa e efeito, leis da física ou mesmo das relações éticas. Tais concepções

balizaram, por exemplo, o darwinismo social, a hierarquização de sujeitos e culturas e mesmo definiram quais sujeitos seriam válidos para viver ou morrer, no sentido de que os mais fortes vencem.

Na Linguística e na LA tais pressupostos fizeram com que a língua fosse reduzida a sistema, composto por aspectos sintáticos, semânticos, fonológicos e morfológicos, não havendo espaço neste ideal para investigar como a língua(gem) está atravessada por aspectos sociais. Saussure (2006) escolheu a língua enquanto sistema em detrimento da fala, pois essa para ele é um fenômeno de ordem social. O objeto-língua deveria ser abordado com neutralidade e objetividade em sentidos de abstração e desconexão com a vida de significações, por exemplo. É o estudo da língua pela sua estrutura e em LA no contexto de guerra a aplicação dessa estrutura em estudos de aquisição mecânica de linguagem. Haveria também neste contexto a busca por verdades absolutas e universais sobre a realidade, que deveria ser enxergada sobre a ótica das generalizações.

A LA propagava, neste sentido, um ideal também colonialista, pois havia de forma significativa, de acordo com Moita Lopes (2009), a venda de teorias e métodos para o ensino de inglês, desconsiderando os contextos sociais e políticos das regiões, assim como seus aspectos culturais e demandas sociais. Trata-se assim da formatação de um imperialismo linguístico cuja dominância é/foi do inglês, ideal muito e fortemente propagado pela concepção de LA enquanto aplicação de linguística.

Em momento histórico posterior, buscava-se a construção de saberes e bases epistêmicas que fossem próprias da LA. Todavia, nas décadas de 70-80 ainda preponderava o ideal de aplicação de linguística, mas já com algumas rupturas, por havia a concepção de que “A Linguística Aplicada só pode ser uma área autônoma na medida em que se livrar da hegemonia da Linguística e negar as conotações do seu próprio nome” (WIDDOWSON, 1979, *apud* MOITA LOPES, 2009, p. 235). Havia, nesta perspectiva apresentada por Moita Lopes (2019), uma busca por independência da LA enquanto área produtora de conhecimento. Neste período histórico a LA está voltada ainda para contextos escolares, ou seja, o objeto era o ensino-aprendizagem de línguas, sobretudo ainda o inglês.

Nas mesmas décadas a LA começou a adentrar o horizonte de discussões dos estudos linguísticos brasileiros, mas, como destaca Moita Lopes (2009), ainda em restrição ao contexto de ensino-aprendizagem de línguas, sobretudo no que tange ao inglês. Há, ainda, repercussão dos ideais coloniais e imperialistas, assim como uma força significativa do ideal da ciência moderna.

Em décadas posteriores, ocorrem rupturas gradativas e significativas na área, pois busca-se a construção de uma LA já em espaços de estudo e temas que não os escolares. Há uma influência das rupturas e da virada discursiva dos estudos linguísticos e em específico neste segundo momento, sofrendo também as influências das teorias socioculturais e do socioconstrucionismo, no qual se compreende que os sujeitos e demais aspectos sociais dizem respeito a uma construção sócio-histórica gerada sobretudo pelos aspectos de ordem discursiva.

Há, nesta perspectiva que rompe com os primórdios da LA, a compreensão de que a linguagem é constitutiva da vida social e dos sujeitos, é um virada, aí, na concepção também de linguagem. É uma noção de língua que passa a compreender que as práticas discursivas não representam a realidade, mas a constroem. É uma visão crítica teórica acerca do papel da linguagem na vida social, que passa a ter lugar de destaque e não estanque, no sentido de que existe a busca pelo distanciamento de um ideal abstrato do fazer linguístico.

Outras preocupações também emergem nessa perspectiva, pois se direcionam a pensar a linguagem em contextos situados de uso na práxis humana, para além da sala de aula, focando em perceber como as questões de gênero dizem respeito, neste período, a aspectos socioculturais e socialmente construídos. Os interesses dizem respeito, nessa LA, sobre a situacionalidade cultural, institucional e histórica da ação humana.

Em outro momento histórico, já no séc. XXI, a ruptura epistemológica da LA proposta por Moita Lopes (2006) contemporânea se consolida em contraposição praticamente que extrema ao ideal de aplicação de linguística de meados do século XX, pois há, na proposta de Moita Lopes (2006), Fabrício (2006) e Rojo (2006), um distanciamento da ciência modernista e do paradigma cartesiano-positivista, sobretudo no que diz respeito à lógica anti positivista, no sentido de que as relações causais não dão conta de pensar a realidade ou explicá-la e de que não existem verdades absolutas ou generalizações. A lógica anti-objetivista se materializa na concepção de que não há neutralidade na pesquisa e de que o objeto de estudos não é residual, mas híbrido

Existem mudanças relevantes também na concepção de sujeito, pois busca-se reteriozar o sujeito social em sua heterogeneidade, fluidez e mutações, partindo do abandono da suposta neutralidade na pesquisa, por uma proximidade crítica entre o(a) pesquisador(a) e seu objeto. Em termos de proximidade crítica, conceito proposto por Moita Lopes e Fabrício (2018), pode-se estabelecer uma conversa com a compreensão de Albuquerque Jr. (2021), de que as sensibilidades e afetos motivam os pesquisadores e

pesquisadores a tomar determinadas posições e interesses.

Moita Lopes (2006) traça um panorama propositivo do que compreende que deva ser a LA dos nossos tempos, a LA contemporânea. Para ele, a LA que deve possuir e possui um espírito disruptivo, pois estes tempos contemporâneos sobre os quais impactam problemas sociais severos – problemáticas em muito produzidas por um ideal cartesiano e positivista do fazer científico – demandam a produção de conhecimentos que se assumam enquanto políticos, conhecimentos interessados em abalar um *status quo* e avançar sobre zonas limítrofes sobre as quais os saberes em Linguística possuam relevância social distante do encastelamento promovido pelo ideal cientificista. Desta forma, como panorâma disruptivo a LA INdisciplinar desvincula-se da disciplina mãe, ao tempo em pretende falar a vida contemporânea em suas demandas. Busca-se também a produção de teoria linguística para a LA, teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento que possa ser uma *bricolage*.

Dado o contexto epistemológico de ruptura em LA, Moita Lopes (2006) conceitua a LA como uma área dos estudos linguístico-discursivos que objetiva elaborar inteligibilidades sobre a vida social contemporânea em suas diferentes nuances e complexidades, nos seus diferentes eixos, nichos e particularidades. Para o pesquisador, a LA deve estar preocupada com problemas de ordem social em diálogo com o que se estabelece, por exemplo, com o que se denomina de saberes ou epistemologias do sul. Seria a LA INdisciplinar, nesta perspectiva, componente do coro epistêmico que aponta para outras vozes e outros conhecimentos.

Para Moita Lopes (2006), outro objetivo da LA para além de produzir inteligibilidades diz respeito também à demanda por renarrar a vida social contemporânea, ou, na perspectiva de Fabrício (2006), produzir desaprendizagens de forma crítica acerca de problemas sociais relacionados ao contexto político-cultural da sociedade. Como exemplo deste processo de renarrar a vida social ao tempo em que se produz desaprendizagens, posso citar os trabalhos desenvolvidos no GELASAL, coletivo de estudos preocupado em analisar discursos-enunciados que possuem o sertão/Nordeste/semiárido como (suposto) referente e conteúdo de significação e tema. Existe no decorrer dos estudos a compreensão de que o território é uma invenção sócio-histórica estruturada pelas práticas discursivas e sociais, o que possibilita desnaturalizar a noção de região, assim como percorrer e escavar fios da história para perceber o que se construiu enquanto significação para esse *território*.

Desta forma, o GELASAL se inclui no que argumenta Moita Lopes (2006), ao destacar que existem em muitos linguistas aplicados contemporâneos uma preocupação com novas teorizações galgadas em novos modos de entender a vida social com base em críticas à modernidade, em teorias pós-modernas críticas, em teorias queer, em teorias feministas, em teorias antirracistas e pós-coloniais. Mas quais seriam os problemas envoltos no sertão, por exemplo? Afirmo que os dizerem que são atribuídos aos sujeitos e ao território, o conjunto de estereótipos que dá vida a um conjunto de noções sobre o território e seu povo, que estabeleceram uma hierarquização social que produz xenofobias.

Como exemplo de trabalho que busca novas vozes e outros temas, podemos citar o trabalho denominado “**Layla: uma borboleta negra sertaneja, abordagem queer da performatização de si como mulher trans**”, elaborado por Camila Ramos (2019), trabalho no qual se tem a compreensão de gênero enquanto construção social por meio da linguagem, desestabilização dos discursos dominantes sobre gênero e onde há um estudo preocupado com questões de relevância e relação social. Há também um destaque para a questão de que o território e as construções em torno desse aspecto também repercutem nas discussões e construções de gênero.

Moita Lopes (2006) propõe que a LA seja compreendida a partir de uma perspectiva INdisciplinar, concepção ancorada na ideia de romper as barreiras disciplinares. Signorini (1998) conceitua o objeto de estudos da LA, a linguagem-em-uso, enquanto complexo, concepção em que se compreende que a língua está atravessada por aspectos culturais e sociais. Considerando tal ideia, tanto Signorini (1998) quanto Moita Lopes (2006) propõe uma LA que seja mestiça e híbrida, que dialogue com diferentes áreas de conhecimento.

Nesta perspectiva, seguindo a concepção proposta pelo pesquisador e pela pesquisadora, este trabalho está ancorado no pressuposto da indisciplinaridade, pois trago conteúdo da história, geografia, estudos sobre ensino e linguística, para pensar a intersecção *linguagem, território e ensino sobre a região*.

É nessa perspectiva de agenciar diferentes áreas de saberes que a Linguística Aplicada se propõe a problematizar dizibilidades e visibilidades, conforme Albuquerque Jr. (2016), de modo a possibilitar também construir novas compreensões, novas maneiras de ver e dizer o Nordeste/sertão, criando novas relações culturais e sociais através de linhas de comunicação que circulam veementemente como a mídia e os livros didáticos, rivalizando com as práticas sociais e discursivas que compreendem a região nordestina

como seca e miserável.

Nesse viés, refletimos sobre em quais ideologias tais discursos estão pautados, sendo ideologia entendida uma expressão de mundo, de sociedade, que está atrelada às nossas vidas através da nossa consciência e subjetividade, que são sociais, das relações criadas, do conhecimento de mundo, ganhando vida nas nossas práticas de linguagem através de um jogo de relações e de poder, conforme aprendemos com Miotello (2005), a partir de suas discussões de perspectiva bakhtiniana. Ideologia nasce de uma necessidade de dominação política numa nuance estratégica das elites nortistas, quando pensamos o sertão/Nordeste, para suscitar uma hegemonia econômica, de acordo com Fontes (2019).

Nessa perspectiva, a LA é um campo de saber que possui caráter investigativo, transitando por diversas áreas. Nessa pesquisa, pensamos acerca da educação sobre o sertão/Nordeste e para o sertão/Nordeste, numa dimensão histórico/ geográfica e também numa dimensão linguístico/ literária. Nesses estudos, entendemos que os discursos sobre essa região são históricos e geográficos, pois circulam nas relações entre sujeitos, inventando espaços e dizeres sobre sujeitos, clima e vegetação. Assim, é necessário problematizar as propostas de sentido sobre/para o sertão/Nordeste que se configuram como educativas em livros didáticos, nos romances literários e em especial nas videoresenhas que são aqui analisadas, com a intencionalidade de forjar sentidos sobre a territorialidade nordestina/sertaneja.

Nesse estudo, caminho pelo encontro entre o histórico, geográfico, literário, midiático e linguístico, colocando na berlinda, como Santos Filho e Santos (2021), os dizeres de booktubers, buscando compreender como o discurso desses sujeitos inventam o território sertanejo nordestino e uma rede de discursos sobre esse território.

2.2 LA e a intersecção *linguagem e território*

De acordo Bakhtin/Volochinov (2016), as *esferas ou campos de atividade humana ou de circulação dos discursos* são os locais onde se organiza a produção, a organização e sobretudo a circulação de enunciados e discursos em gêneros do discurso específicos. De acordo com os filósofos da linguagem e com o que diz Moita Lopes (2006) e Fabricio (2006), os gêneros do discurso são práticas discursivas que estão imbricadas às práticas sociais, gerando sentidos sobre os aspectos sobre os quais se enuncia.

Para Bakhtin/Volochinov (2016), a linguagem é dialógica e interativa, ocorrendo

em enunciados que são orais e escritos nos diferentes gêneros do discurso. Os enunciados são sempre interacionais e dialógicos, pois são sempre direcionados de um sujeito para outro sujeito, são dialógicos também porque se conectam à história e à cultura. Cada enunciado surge de acordo com a situação e, sobretudo, de acordo com a posição ideológica do sujeito que enuncia. Então, podemos entender que o discurso é situado e que o sujeito também é situado porque seus enunciados são endereçados e terão sentidos pretendidos pelos sujeitos na interlocução.

Como dito, os enunciados podem ser compreendidos como gêneros do discurso, entendendo que cada gênero é vinculado a uma esfera da atividade humana e tem suas intencionalidades e particularidades. São essas questões que dão norte a produção de sentido. Com isso, ao analisar um discurso é importante considerar seus objetivos, pois eles indicam possíveis propostas de sentido ali colocadas. Se pensarmos os *booktubers*, por exemplo, o objetivo é dizer impressões orais sobre determinadas obras, o que constrói também um modelo ou um projeto de ensino resumido para aqueles que não querem ler as obras completas. Importante dizer que de acordo com Bakhtin/Volochinov (2016), os *booktubers* não estariam representando as obras das quais falam, mas estariam produzindo um projeto discursivo sobre as obras, projetos de sentidos sobre as obras que não são imparciais e que também repercutem noções sobre o território.

Bakhtin/Volochinov (2016) consideram que o estudo da língua não se deve dar de modo abstrato, como no subjetivismo idealista e objetivismo abstrato, mas de forma a compreender que a língua é complexa, complexa porque possui fios de sentido constitutivos que não devem ser arrancados da história, sob pena de se deparar com um objeto morto e monológico, sem sentido e relevância social. Como exemplo de enunciado podemos citar uma propaganda do governo de Alagoas, em 2018:



Figura 03: Narrativas contemporâneas da “seca”.

Fonte: Governo do Estado de Alagoas, 2018.

A imagem anterior é de uma propaganda que foi veiculada no ano de 2018 em redes de televisão e em redes sociais do Governo do Estado de Alagoas. O discurso político repercutido na reportagem trata sobre a mudança trazida pelo governo de Alagoas. A cena traz uma personagem criança, em um cenário que remete a um conjunto de imaginários sobre o território sertanejo. O cenário utilizado para a gravação remete à determinadas geografias do sertão alagoano e nordestino, focalizando na aridez, em vegetações típicas e na evidente falta de água. Toda a construção da cena imprime um cenário de pobreza.

Essa cena, que repercute um discurso político, produz sentidos para a região, seguindo o imaginário social sobre os sujeitos que aqui vivem e o espaço sertanejo. Como dito, se trata de um discurso político, que, para Albuquerque Jr. (2019), o discurso, de cunho político, apropria-se do conceito da “seca” e de sua construção discursiva, que neste caso produz uma narrativa que segue, por exemplo, à estrutura da denominada, literatura das secas, algumas das analisadas pelos *booktubers* em suas vídeo-resenhas aqui analisadas.

Partindo desse enunciado, a análise desse discurso deve se dar, de acordo com Bakhtin/Volochinov (2016), de forma a interpretar os sentidos propostos, mas também identificando quais os interesses, quais os indícios de sentidos presentes no arranjo imagético, nos dizeres, nas cores, na construção temática e significativa. Uma investigação não abstrata passa por entender que não tem representação, mas proposta de sentidos sobre o que se enuncia. É importante interrogar o que se constrói enquanto tema, neste caso a região e como isto implica para os sujeitos.

Em diálogo com Albuquerque Jr. (2021), pode-se compreender que não há discussões rotineiras sobre região, sobre espaço e território, e não há tais discussões em virtude da repercussão do ideal positivista e cartesiano de que os dados sobre a cidade e região seriam naturais e, por consequência, essenciais. Os ideais mencionados anteriormente são responsáveis por fazer pensar que por se remeterem a dados supostamente naturais, as regiões e territórios seriam determinantes para estabelecer modos de vida. Assim, o sertão passou a ser visto no final do séc. XIX como inóspito e produtor de sujeitos quase que animalizados, construção vinda sobretudo da literatura das secas.

Desta forma, chego à questão de que os enunciados, práticas discursivas e sociais, constroem noções sobre o território, pois por exemplo no texto televisiva falado

anteriormente, não temos uma representação de bondades do governo, mas a produção de noções políticas sobre o sertão. Assim, entendemos que a linguagem é produtiva para gerar significado sobre espaço. Logo, a intersecção entre linguagem e território é o que deve ser investigado.

Nesse sentido, em a “Invenção do Nordeste e Outras Artes”, Albuquerque Jr. (2011) conceitua região como um solo movente, o que nos leva a compreender que a região não está resumida a um aspecto material natural, mas está sucumbida à produção de discursos, ao ideológico. Albuquerque Jr. (2011) diz que região é um conceito produto de embates ideológicos que a inventam, mas que também destroem noções sobre as diferentes regiões.

Se pensarmos a literatura da seca, por exemplo, temos a noção de que os textos literários produziram significação e construíram tematicamente aspectos do território, neste ponto que a linguagem se encontra com o discurso, pois o discurso produz a região como esse objeto político de poder nos diferentes gêneros e esferas da atividade humana. Ademais, no capítulo seguinte, discute justamente sobre a produção de uma geografia discursiva em diálogo com a história, para investigar como o sertão.

CAPÍTULO 03 REGIÃO, ESPAÇO E TERRITÓRIO SERTÃO/NORDESTE

Sempre me questioneei, de maneira mais significativa quando criança, como foi delimitado o que se define enquanto Piranhas, território alagoano, e Canindé, território sergioano. Ou seja, sempre me questioneei o porquê das metades da ponte sobre o rio São Francisco definirem o que é Alagoas e o que é Sergipe. Inicialmente buscava dados naturais que me explicassem a delimitação territorial. Todavia, os estudos realizados no Gelasal me levaram a pensar criticamente que não são dados naturais que definem o território, mas sim as disputas, os aspectos ideológicos, os aspectos políticos, que são materializados de forma significativa nas práticas discursivas e sociais.

Em grande parte está delineando para tratar sobre essa inquietação infantil, mas que revela uma problematização importante. Assim, neste capítulo escrevo sobre aspectos e teorias relativas ao conceito de região, território, Geografia e, por consequência, trato desses conceitos para refletir sobre o sertão e como essa região foi discursivizada historicamente no decorrer do tempo. Aqui caminho pelo que podemos compreender, dos estudos do Gelasal, de uma *Geografia discursiva e social*, na qual o solo e dados naturais não são suficientes para refletir sobre os sentidos que constroem a região. Para tal, faço um agenciamento de saberes de forma indisciplinar, interagindo com a Geografia, História e Linguística, com o intuito de compreender, dentre algumas questões, o que se enunciou historicamente sobre sertão em algumas das esferas da atividade humana e gêneros do discurso, como a Literatura.

No decorrer deste capítulo, traço um diálogo com Albuquerque Jr. (2011; 2019), para compreender as mudanças de sentido relativas ao termo “sertão” e à região que esse nomeia. No decorrer, promovo uma espécie de arqueologia do discurso, na perspectiva de que me remonto à história para compreender quais os sentidos que foram propostos e construídos para o território e para a própria palavra que o nomeia. Trago saberes também da Geografia, para pensar noções sobre “região” e “espaço”.

O capítulo está estruturado de forma a historicizar o sertão e a participação da denominada “Literatura das secas” na sua construção, de forma que o texto está estruturado em a) noção de região, parte na qual debato acerca do conceito de região e suas perspectivas, assim como procuro discutir sobre a concepção de uma *geografia discursiva*, que rompe com um ideal cartesiano e positivista de olhar e compreender o espaço geográfico em suas nuances como território e região, por exemplo; b) sobre a

invenção/rapto do sertão, percorrendo um percurso de investigação de aspectos históricos e também geográficos, em diálogo com Albuquerque Jr. (2011), de forma que volto ao séc. XIX para perceber quais foram os discursos que construíram noções sobre o sertão.

3.1 Noção de “região”

O que se pensa hegemonicamente sobre a noção de região? Segundo sentidos dicionarizados, “região” pode apresentar, de acordo com especificidades de cada área da Geografia, sentidos variados, mas que remetem a características fixadas aos dados naturais, conforme podemos constatar no Oxford Languages:

1. Vasta extensão de terreno; 2. grande extensão do território de um país; 3. Biogeografia: qualquer grande terreno mundial caracterizado por alto percentual de flora ou fauna endêmica; 4. Fitogeografia: conjunto de províncias que apresentam vegetação semelhante em aspecto ou fisionomia; 5. Anatomia Geral: cada uma das partes em que se considera dividido o corpo humano; 6. porção de uma superfície (ou do espaço) 7. cada uma das partes em que se divide a atmosfera.

A origem etimológica da palavra remonta a 1.438 e deriva do latim *regio, onis, direção; linha reta; caminho direto e frequentado*. Assim, a origem remonta e remete, também, a um aspecto de direção e localização espacial. Conforme evidenciado, a noção hegemônica de região e mesmo sua etimologia remetem e dizem respeito a características naturais como fauna, flora ou mesmo limitações de ordem do solo. Versam do mesmo modo sobre dados naturais, as noções sobre região pré-existiriam, nessa concepção, ao discurso. Estes paradigmas dizem respeito ao que se dá nome de geografia natural/física, área da geografia destinada a estudar aspectos naturais como fauna e flora.

A geografia física/natural é uma área de estudos produtiva e contribui politicamente para que a teoria em torno das regiões e seus conceitos não seja discutida. Todavia, conforme Albuquerque Jr. (2011, p.35)

Em nenhum momento, as fronteiras e territórios regionais podem se situar num plano a-histórico, porque são criações eminentemente históricas e esta dimensão histórica é multiforme, dependendo de que perspectiva de espaço se coloque em foco, se visualizando como espaço econômico, político, jurídico ou cultural, ou seja, o espaço regional é produto de uma rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais diferentes. Além disso, devemos tomar as relações espaciais como relações políticas e os discursos sobre espaço como o discurso da política dos espaços, resgatando para a

política e para a história, o que nos aparece como natural, com nossas fronteiras espaciais, nossas regiões. O espaço não pré-existe a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo em que o espaço é um quadro definido por pinceladas.

A pergunta que me mobiliza desde a infância pode ser respondida a partir de dois ou mais vieses, o primeiro a partir de uma geografia física, que me diria que o território é dividido a partir de dados naturais e similitudes estabelecidas. Aí, o território pré-existiria à sociedade sertaneja que o encarna. E pode ser respondida de outra forma, a partir de Albuquerque Jr. (2011), resposta que insere o território num plano histórico e, por conseguinte, político, social e, sobretudo, discursivo. Dado o exposto, opto por buscar respostas na história, no ideológico e no político, pois os dados naturais também significados pelo discurso não são suficientes para pensar a complexidade.

Assim, pensar a divisa entre Alagoas e Sergipe numa perspectiva discursiva nos leva a considerar que tais zonas limítrofes foram construídas por interesses político-ideológicos, o que colabora com o que argumenta Volochinov (2016), pois o filósofo da linguagem considera que as práticas discursivas dos sujeitos são valorizadas, ou seja, para ele o discurso está repleto de acento de valor ideológico e político, assim como destaca Chauí (2022), ao dizer que a ideologia se trata de uma repercussão de posicionamentos políticos e interesses.

Como podemos perceber na citação de Albuquerque Jr. (2011), o historiador considera que o discurso possui papel relevante na construção de um território, destaca também que é a partir de particularidades ou visões particulares que se produz sentido sobre o espaço, particularidades que posteriormente compõe um todo e constroem uma massa homogênea e dura de significados. Trata-se, como destaca o professor Durval, de discursos da política dos espaços, assim ao dizermos sobre o sertão, por exemplo, dizemos a partir do nosso ponto de vista, que é carregado de posicionamentos ideológicos e políticos, fazemos então uma política do espaço, um discurso da política dos espaços. Podemos dialogar com Bakhtin/Volochinov, para refletir que é mediante o uso da linguagem em discursos que os espaços são inventados, de forma que podemos depreender que ao tratarmos sobre dado território estamos colocando nele sentidos.

Dessa forma, passamos de uma perspectiva de *Geografia física* para um estudo

geográfico do discurso, uma *Geografia discursiva*, na qual compreendemos, ancoradas em Bakhtin/Volochinov (2016) e Albuquerque Jr. (2011), que os espaços regionais são produções nas quais se consolida uma materialidade de sentidos sobre os dados naturais e políticos.

Nessa perspectiva, uso como exemplo para pensar a construção de sentidos sobre o território imagens utilizadas por material didático, que faz parte da coleção Viver e Aprender, volume 03, da editora Global, indicado para os anos iniciais do ensino fundamental, na Educação de Jovens e Adultos. Vejamos na imagem que segue:



de pessoas. Muitos são agricultores que plantam no período das chuvas ou armazenam a água das chuvas em cisternas.

As cisternas são tanques construídos ao lado das casas das famílias. Elas podem guardar água em quantidade suficiente para uma família de sete pessoas beber, cozinhar e tomar banho por até oito meses. Nos últimos anos, centenas de comunidades construíram esses reservatórios. Com isso, consomem água de boa qualidade, evitando as doenças.



Foto: A. S. Moraes



Maurício Lemos/CPA/PAJ/PAZ/PAZ/PAZ

Em 2012, o Sertão Nordestino viveu um longo período de seca, que se estendeu por mais de um ano. Na imagem, um agricultor observa o gado beber água em um açude quase seco na zona rural de Paratama (PE)

Caatinga verde no período de chuvas no estado do Rio Grande do Norte, 2012

Com um colega, responda às questões.

1. Qual é o tema geral tratado no texto?

2. A partir do que você já sabe sobre o Sertão Nordestino, crie um novo título para o texto, que dê mais informações sobre essa região.

3. A turma vai indicar as palavras desconhecidas no texto para elaborar um glossário, que é uma lista de palavras desconhecidas com seus significados. Cada dupla deve escrever o que significa uma palavra da lista. O glossário será registrado na lousa, para que todos possam anotar.

44 e 50 anos  39

Figura 04: Sertão Nordestino em livro didático.
Fonte: Livro Viver e aprender. Editora Global. Vol 03.

Como disse, trata-se de material didático, de material destinado a fazer aprender,

no qual existe a proposição de dois cenários paisagísticos que retratariam o sertão, um no período de seca e outro no período de chuva. Na primeira imagem, existe um texto maior, que descreve a cena de seca em que aparecem gados raquíticos, terra seca e água esverdeada, que indica em breve a sua escassez. Na segunda imagem, a caatinga aparece verde, viva, no período de chuvas.

Conforme comentado anteriormente, o que existe na imagem é um projeto de sentidos sobre a região nordestina, em Pernambuco e Rio Grande do Norte. É um discurso de política de região, que busca fazer entender que existem dois momentos climáticos significativos que operam sobre a produção de vida para a vegetação, animais e pessoas da região. Constroem-se no recorte didático a noção de que existe esse sertão dual de seca e vida. O gênero discursivo em questão e seus objetivos específicos, questão importante na compreensão do que se objetivou da produção ideológica, busca fazer com que estudantes aprendam que o território é complexo, no sentido de que não existe somente seca no ambiente sertanejo.

Ainda sobre a questão da região, Albuquerque Jr. (2011, p.36) argumenta que

Ela nos põe diante de uma política de saber, de um recorte espacial das relações de poder. Pode-se dizer que ela é um ponto de concentração de relações que procuram traçar uma linha divisória entre elas e o vasto campo do diagrama de forças num dado espaço. Historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício de poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação.

De acordo com o exposto por Albuquerque Jr., fica-nos evidente que os aspectos políticos são determinantes para a construção de fronteiras, abrindo-se margem para pensar, por dedução, em uma *geografia discursiva*, preocupada em lastrear e entender como o discurso das políticas espaciais constroem e inventam os territórios. Ainda respondendo à pergunta que me move, as zonas de limitação territorial entre Alagoas e Sergipe se dão por aspectos políticos, como evidenciado, emergem de diferenças políticas e regionais, emergem de determinados interesses e beneficiaram, sem dúvidas, um grupo de pessoas.

Assim, empreender uma geografia discursiva é colaborar com o que propõe o historiador ao dizer da necessidade de desnaturalizar a região, é indagar quais os interesses de determinado discurso e como esse se configura em discursos sobre política de espaços, e como nutre significação, nos termos de bakhtin/Volochinov (2016), sobre

o espaço. Trata-se, assim de

Desnaturalizar a região, de problematizar a sua invenção, de buscar a sua historicidade, no campo das práticas e discursos. tentar fazer com que este espaço cristalizado estremeça, rache, mostrando a mobilidade de seu solo, as forças tectônicas que habitam o seu interior, que não permite que a vejamos como efeito da sedimentação lenta e permanente de camadas naturais ou culturais, buscando apreender os terremotos no campo das práticas e dos discursos, que recortam novas espacialidades, cartografia novas topologias, que deixam vir à tona pelas rachaduras que provocam, novos elementos, novos magmas que se cristalizam e dão origem a novos territórios. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 37)

Conforme todo o comentado até agora, posso argumentar que pensar em sertão ou em uma região denominada de sertão, é pensar, sem sombra de dúvidas, em uma construção sócio-histórica, política e ideológica. Trata-se não somente de um recorte territorial, mas de uma política de discursos, de uma *geografia de discursos* que se estabeleceu sobre o sertão. Mediante tais aspectos, faço adiante uma *Geografia discursiva*, para compreender a discursivização sobre o sertão no decorrer da história. Assim e da mesma maneira,

É preciso rompermos com as transparências dos espaços e das linguagens, pensarmos as espacialidades como acúmulo de camadas discursivas e de práticas sociais, trabalharmos nessa região em que linguagem (discurso) e espaço (objeto histórico) se encontram, em que a história destrói as determinações naturais, em que o tempo dá ao espaço sua maleabilidade, sua variabilidade, seu valor explicativo e, mais ainda, seu calor e efeitos de verdade humanos (ALBUQUERQUE JR., p. 33)

As colocações de Albuquerque Jr. (2011) corroboram tanto com a proposta de uma LA indisciplinar quanto com a concepção de linguagem bakhtiniana, que baseiam ambos, pois a proposta da LA, conforme discutido no capítulo anterior, é justamente compreender que a linguagem e suas práticas não representam um dado natural ou social, mas o constroem. A linguagem não é transparente, porque não diz respeito ao todo, mas a fragmentos de realidades construídos a partir da ação de quem enuncia e porque nas práticas languageiras existem rastros de significação que também não dizem sobre o todo, mas sobre a particularidade de significação.

3.2 Sobre “sertão” e “invenção”

Neste momento do capítulo, faço um procedimento de *arqueologia discursiva*, percorrendo o encontro do histórico, do linguístico e do geográfico, como propõe Albuquerque Jr (2011) e Santos Filho e Santos (2021), interrogando e desnaturalizando o sertão, entendendo que as práticas discursivas amalgamaram sentidos ao sertão no decorrer do tempo. Trata-se de colocar a palavra “sertão” na berlinda, como fazem Santos Filho e Santos (2021), e entender que a própria palavra sertão recupera um discurso sobre o espaço, que é um objeto histórico.

Dessa maneira, por exemplo, se buscarmos sertão no maior buscador *on-line* de conteúdo do mundo, o Google, deparamos com uma série de imagens que remetem a uma amalgama de figurabilidades, como diz Albuquerque Jr. (2016), ao discutir sobre paisagem. Assim, boa parte delas apresenta a paisagem e o território da seguinte forma:



Figura 05: “de sertão a deserto”

Fonte: Revista IstoÉ, 2010, disponível em

<https://istoe.com.br/89716_DE+SERTAO+A+DESERTO/>

Acesso em 26 de agosto de 2023

Na imagem, podemos perceber a terra rachada e o tom seco que ditam os sentidos impressos pela fotografia. A imagem aparenta que não existe vida no território e esse é o foco de memória que as imagens postadas por diferentes *sites* constroem acerca do sertão. Trago essa imagem para primeiro dizer que existe uma memória discursiva, em segundo para dizer que as imagens também são ideológicas e não representam um real, mas constroem uma noção, conforme Bakhtin/Volochinov (2016).

Nesse sentido, Albuquerque Júnior (2011) afirma que

O que pretendemos estudar é como se formulou um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de “verdades”, uma visibilidade e uma dizibilidade de Nordeste, que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e dirigem, inclusive, o olhar e a fala da mídia. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 32).

Entendemos por discurso produtivo o que possui efeitos de verdade na realidade, generalizando-o por meio da linguagem e do discurso, indo na formação do estereótipo, o discurso fácil e assertivo. Neste caso específico da imagem citada, por exemplo, colabora para a criação do estereótipo imaginário da falta de água no Nordeste, gerando a apropriação discursiva por parte do estado e de empresas do “combate à seca” ou projetos de “acesso à água”, justificados justamente por discursos produtivos que acabam por mascarar deveres do estado brasileiro. Mas, como se consolida esse imaginário sobre sertão, para o historiador Albuquerque Jr. (2019):

Até o início do século XX, o sertão era todas as terras que ficavam afastadas da costa, que ficavam distantes das aglomerações urbanas que se distribuíam por todo o litoral brasileiro. Sertão estava em todas as províncias, em todos os estados, terras que eram de todos, terras que eram de ninguém. O sertão era visto e dito na literatura, nos discursos parlamentares e no discurso jornalístico como o outro da civilização, do progresso, do adiantamento, da ilustração (ALBUQUERQUE JR., 2019 p. 21).

Nesse aspecto, o sertão significava no séc. XIX as terras apartadas do mar, longe do litoral, significava terras interioranas e calmas. Eram sentidos outros naquela época e isso significa dizer que no decorrer do tempo houve uma reconfiguração de sentidos. Todavia, no séc. XX, conforme verificado no mapa na sequência, “sertão” foi institucionalizado como uma zona territorial do recém inventado Nordeste, conforme podemos verificar. Sertão passou de “ interior de todas as regiões do país” para compor o “Nordeste do país”, termos que passam a ser enxergado a partir de relações sinonímicas. Houve o “rapto” do sertão.



Figura 06: Sub-regiões do nordeste.

Disponível em: < <https://infoenem.com.br/estudando-as-sub-regioes-do-nordeste-brasileiro/> >

Acesso em: 26 de agosto de 2023

Um evento marcante para o que Albuquerque Jr. (2019) nomeia de “raptó” do sertão foi a grande seca do Ceará, ocorrida na década de 70 do séc. XIX, um longo período de estiagem que provocou junto à falta de políticas públicas um desastre social e econômico, amplamente repercutido nos gêneros discursivos jornalísticos. Daí, a “seca” foi culpada por mazelas sociais como a retirada e a morte de milhões de sertanejos. A retratação em jornais, em matérias jornalísticas e textos literários, colaborou para a consolidação de um imaginário e posterior institucionalização da região, como destaca Albuquerque Jr. (2019). A seca passou a ser discursivizada em diferentes esferas da atividade humana e gêneros do discurso, passou a ser sistematizada pelo discurso científico e supostamente retratada pela esfera artístico-literária.

Para Albuquerque Jr. (2014), antes existia nas províncias do Norte uma relação paternalista, em que existia um tratamento aparentemente igualitário e de compadrio entre sujeitos mais abastados economicamente e os sujeitos pobres nortistas. Para ele, nessa relação o(a)s camponese(a)s produziam na terra dos mais abastados e possuíam direito à parte da produção, ao mesmo tempo em que recebiam, nessa interação social, leite, carnes

e mantimentos que contribuem para a sobrevivência da família. O pacto tradicional exigia acima de tudo lealdade entre as partes: “do patrão se espera proteção e solidariedade total nos momentos de infortúnio, e com sua dedicação e submissão ao patrão o dominado espera conseguir ascensão social”, conforme Albuquerque Jr.(2014, p. 73).

Era um período de bonança para as classes menos poderosas. Mas, uma crise social e humanitária abalou o pacto tradicional. Nessa conjuntura de transformações sociais, ocorreu a ruptura das relações paternalistas, relações de compadrio, das relações de “meia”, como diz Albuquerque Jr. (2014). Em termos sociais e econômicos, o capitalismo e sua ideia de exploração do homem pelo homem chegam ao Brasil, chegam às províncias do Norte, alterando profundamente as relações sociais. Então, à medida que o capitalismo avançava, ocorria a necessidade de aceleração da produção, de maior tempo de trabalho, de maior doação de força por parte dos sujeitos que agora estavam vendendo suas forças de trabalho.

Nesta perspectiva, Albuquerque Jr. (2014) diz que a medida que a demanda por produção aumentava o sujeito pobre nortista possuía menos tempo para se dedicar a sua existência da forma que se dedicaram em outrora. Vale destacar que apesar de venderem suas forças de trabalho a remuneração não era suficiente para manter um nível de vida mantido em épocas em que o pacto tradicional era determinante, na época em que o compadrio vigorava.

Sendo assim, estava-se criando uma nova faceta para que as elites conseguissem mais poder nos centros econômicos, através da mão de obra dos menos favorecidos, pois, quanto mais trabalhavam, mais lucro geravam aos patrões e menos geravam a si mesmos. Por não conseguirem mais trabalhar para os seus próprios fundos econômicos, os menos favorecidos começaram a participar menos da vida social e ficar à margem.

O acesso ao lazer, à educação e aos poucos privilégios que tinham começaram a ficar escassos e instalou-se um retrocesso. Dessa forma, houve a criação de um imaginário social sobre o sujeito e a região, o de miserabilidade, que se sustentou através das práticas discursivas, o regionalismo do Norte.

Albuquerque Jr. (2019) diz que o regionalismo do Norte, discurso cultural e político sobre as artes, é o principal responsável pela construção de um imaginário social sobre a seca, atribuindo-a para o sertão e posteriormente para o Nordeste. Na esfera artística, a literatura teve papel determinante em consolidar sentidos sobre o território, estruturando uma rede de relações discursivas que nutriam um ideal de verdade humana universal sobre o território.

Albuquerque Jr. (2019) nomeia a literatura que tem como tema a seca e o sertão como literatura das secas, nomeação que tem um tom de crítica, pois diz respeito ao conjunto de obras que traz a seca, em uma narrativa estrutural que versa e atribui ao fenômeno climático toda a culpa com relação às tragédias humanitárias ocorridas no final do séc. XIX e início do séc. XX. Desta forma, a proposta aqui no trabalho não é discutir as obras literárias da literatura das secas, mas propostas de ensinar e dizeres sobre algumas obras da denominada literatura das secas.

Segue algumas das capas das obras da literatura das secas analisadas por *booktubers* que têm suas vídeos-resenhas analisadas aqui:

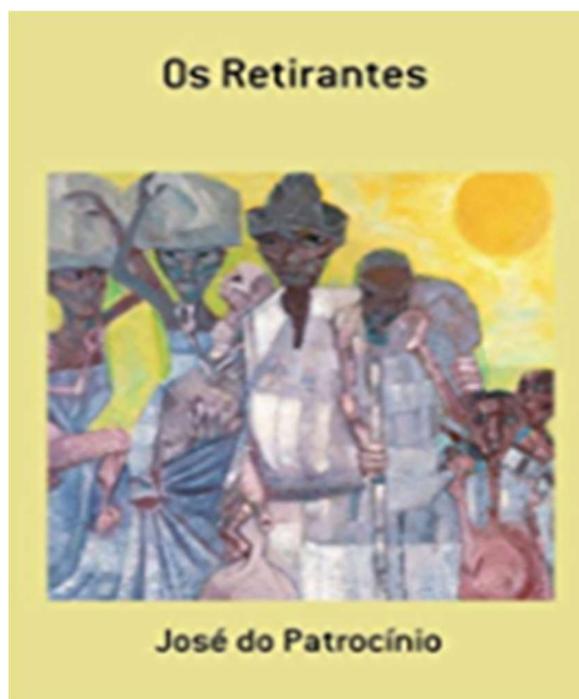


Figura 07: Capa do romance Os Retirantes de José do Patrocínio.
Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Os-Retirantes-Jos%C3%A9-Do-Patroc%C3%ADnio/dp/B09WHST7K4>
Acesso em 26 de agosto de 2023.

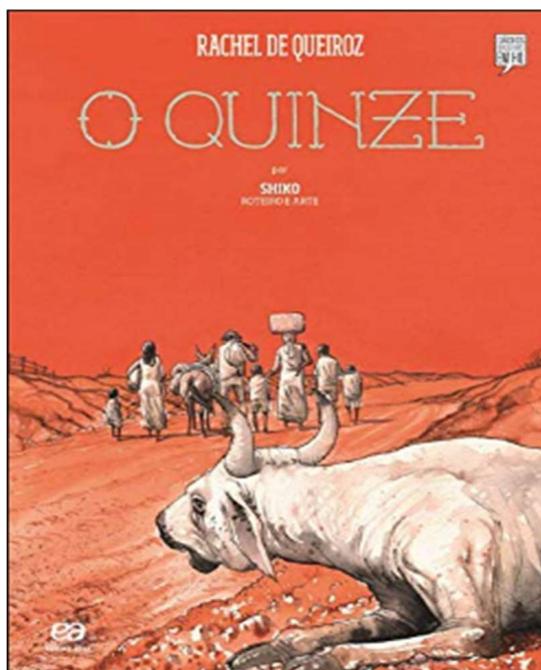


Figura 08: Capa do romance O Quinze de Rachel de Queiroz.
Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Quinze-Rachel-Queiroz/dp/8508153635>
Acesso em 26 de agosto de 2023.

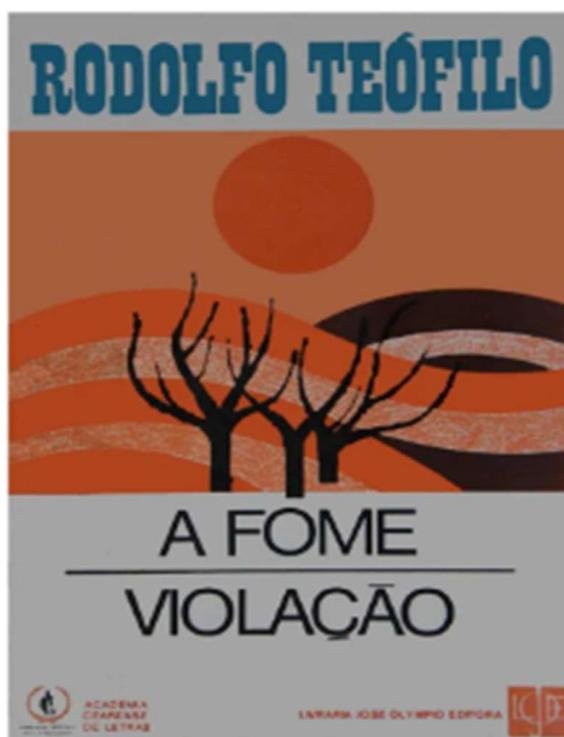


Figura 09: Capa do romance A Fome de Rodolfo Teófilo
Disponível em: < <https://www.skoob.com.br/a-fome-violacao-149587ed166777.html> >
Acesso em 26 de agosto de 2023.

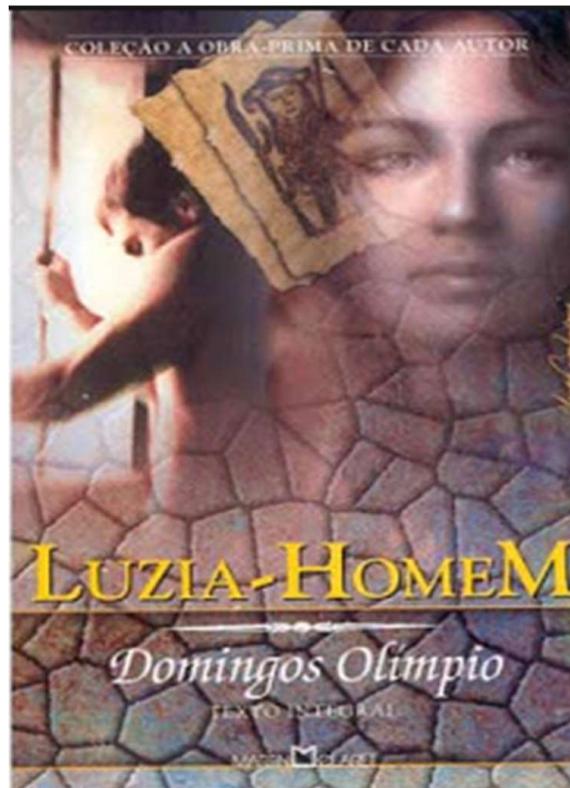


Figura 10: Capa do romance Luzia- Homem de Domingos Olímpio.
Disponível em: < <https://www.infoescola.com/livros/luzia-homem/> >
Acesso em 26 de agosto de 2023.

Nessa obra, existe a predominância de um conjunto de imagens que remetem à seca, à miséria e à retirada. As capas compõem o projeto de sentidos do que a obra pretende e tal questão também é relevante para analisar as vídeo-resenhas feitas por *booktubers*. Antes de mais nada é importante dizer que assim como a noção de sertão invadiu diferentes esferas do discurso, também existe a participação da invenção do Nordeste através do rapto do sertão na esfera escolar, aí nos livros didáticos e demais propostas de ensinar. É sobre essa questão fundamental que discuto no capítulo seguinte.

Conforme disse no capítulo em que discuto sobre LA, discutir sobre Linguística Aplicada é pensar na concepção de que os estudos linguístico-discursivos em LA lidam com objetos de que são considerados complexos e não residuais, como diz Signorini (1998), ao falar acerca da questão epistêmica em LA. Essa linguista diz que a pesquisa em LA demanda posicionamento em zonas de limite entre as disciplinas, de modo que ocorra o agenciamento de diferentes saberes e áreas do conhecimento.

Nesse sentido, o diálogo com outras áreas deve ocorrer, conforme Signorini (1998) e Moita Lopes (2006), de forma transdisciplinar/indisciplinar, promovendo um caminho de investigação que promova desaprendizagens, em que se construam inteligibilidades e estudos sobre a língua(gem), que é concreta, como diz Bakhtin/Volochinov (2016). Tal proposta metodológica diz sobre uma LA que busca tecer considerações e falar à vida social contemporânea, como diz Moita Lopes.

Ainda nessa perspectiva de um trabalho não abstrato, mas concreto, e tendo relação com a vida social, como dito, a pesquisa se dá nos pressupostos da LA INdisciplinar, nos quais sigo as orientações e as noções de linguagem e estudos do discurso propostas por Bakhtin/Volochinov (2016), para quem qualquer texto é um enunciado, no qual interagem em relações dialógicas um “eu”, que enuncia (enunciador), e um outro, para quem se enuncia (co-enunciador), com perfis psicossociais específicos, situados em dado momento sócio-histórico, ideológico e cultural, realizando processos enunciativos também de forma situada e onde se encontram as práticas discursivas e sociais, pois os usos da língua alimentam a vida social e os atos dos sujeitos.

Nesse sentido, no decorrer da pesquisa sigo com uma abordagem vinculada ao paradigma epistemológico interpretativista, no qual se compreende que não há possibilidade de observar o mundo desconectado das práticas sociais e significados produzidos (BORTONI-RICARDO, 2008), assim como não dá pra não entender que a pesquisa possui um cunho político e que também cria aquilo do que se fala. Nessa perspectiva, faço como análise da materialidade: a) observação (crítica da materialidade); b) leitura (crítica do que se diz e como se arranja a materialidade); c) reflexão (crítica do processo e do conteúdo da materialidade); crítica (juízo de valor acerca da materialidade da obra).

Nesse caminho, percorro o que Bakhtin/Volochinov (2016) trata de uma *etnolinguística da fala viva*, modelo de pesquisa no qual compreendemos que o objeto de estudos é concreto e não abstrato, buscando nessa metodologia escavar as camadas de sentido, fazendo uma espécie de arqueologia do discurso, como dizem Santos Filho e Santos (2021), onde se encontram o linguístico, o histórico, o geográfico e as propostas de ensinar.

Dessa maneira, o mecanismo de investigação é qualitativo e etnográfico, aqui compreendido a partir de uma “etnolinguística da fala viva” (VOLOCHINOV, 2016 [1929]), o que significa dizer que procedemos com uma leitura enunciativo-discursiva, procedimento no qual a prática discursiva/social é vista em sua função social, delimitando, assim, como o processo enunciativo em suas formas linguísticas e (multi)semióticas propõem, mantêm ou subvertem determinados significados que participam da construção, manutenção ou refratação de determinadas práticas sócio-históricas.

Assim, abordamos nosso *corpus* de análise, que é constituído de vídeo-resenhas postadas por *booktubers* na plataforma *YouTube*, com a finalidade de contar histórias sobre livros, mas, para mais disso, dão sua opinião sobre eles. A plataforma é uma rede de compartilhamento de vídeos fundada em 2005 na Califórnia e adentrou na vida das pessoas, que passaram a possuir acesso de forma gratuita e significativa. Nela, aprendemos a cozinhar, a dirigir, a manusear eletrônicos, a construir coisas, enfim, é um mundo de informações e de ensinamentos, como no caso das resenhas literárias sobre livros que retratam o Nordeste/sertão.

O *corpus* deste estudos são vídeo-resenhas de obras da dita literatura das secas postadas por *booktubers* no *Youtube*, vídeos que também são destinados a ensinar. Desta forma o *corpus* é composto por

- a) Vídeo-resenha postada por Eu, Reb Pinheiro no *Youtube* sobre a Fome, obra de Rodolfo Teófilo, com acesso em [https://www.youtube.com/watch?v=DKUE9jvjoaE](https://www.youtube.com/watch?v=DKUE9jvjoaE;);
- b) Vídeo-resenha postada pelo Canal Livros & e-books no *Youtube* sobre a obra Luzia-homem de Domingos Olympio, com acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=-gGfjCzLZ4c>;
- c) Vídeo-resenha postada pelo no canal Ler antes de morrer no *Youtube* sobre a obra o Quinze, de Rachel de Queiroz, acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=yzoPHKV4Kes>;

Em virtude dos questionamentos e objetivos estabelecidos, haverá discussões sobre que história de sertão/Nordeste como material considerado didático dizibiliza e figura, que noções de região sustentam as propostas didáticas e, por conseguinte, que sentidos de sertão/Nordeste são construídos enunciativo-discursivamente e tematizados como conteúdos didático não-escolares. Assim, a pesquisa focalizará na *linguagem-em-uso*, compreendendo o papel da linguagem nas práticas sociais e o seu poder de construção de concepções e de valores socioculturais, de construção de território.

Neste ínterim de estudos, bem como de práticas sociodiscursivas, que possuem o sertão/Nordeste como conteúdo temático e referente de significação, intentamos, de modo geral, no Pibic 2021-2022, compreender e problematizar propostas de significação sobre/para o sertão/Nordeste, que se configuram como propostas educativas, que estão em livros didáticos, destinados a crianças e adolescentes, com o intuito de interpretar o mundo de significações forjados sobre a territorialidade, procedendo com uma abordagem transversal de leitura, na qual compreendemos a língua como atividade política e como prática social. Assim, nessa proposta de estudos específica, questionamos:

- i) que sertão/Nordeste é proposto nessas lições didático-pedagógicas sobre língua(gem) e literatura nas vídeo-resenhas de booktubers?
- ii) quais mecanismos linguístico-discursivos são utilizados para a construção de sentidos em torno da região nas vídeo-resenhas?
- iii) os sentidos propostos corroboram com a matriz discursiva hegemônica sobre sertão/Nordeste ou a ressimbolizam?

A seguir adentro em específico nas análises.

4.1 Vídeo-resenhas, propostas de ensino e o sertão/Nordeste

Como dito de forma resumida anteriormente, analiso no decorrer desse texto vídeo-resenhas publicadas por *booktubers* na plataforma de *streaming Youtube*. Em virtude da realização de uma leitura enunciativo-discursiva, é de suma importância atentar-se à esfera da atividade humana e ao gênero do discurso. Desta forma, nesta sessão de análise, dedico um tópico para dizer sobre o gênero discursivo e suas especificidades. Posteriormente, dedico uma sessão para cada *booktuber* e suas respectivas vídeo-resenhas, objetivando atingir os objetivos e problemas de pesquisa ditos ainda na Introdução desta Trabalho.

Para Silva (2019)

A vídeo-resenha segue a estrutura discursiva da resenha crítica, na qual um autor discorre sobre um objeto, descrevendo-o e analisando-o sob o seu ponto de vista. Na sua construção, é necessário compreender o papel de cada semiose, processualmente, até que se contorne o formato e a função do gênero: a vinheta, o fundo musical, o texto para ser discutido, as imagens, símbolos e emoticons irão compor a proposta geral do vídeo (SILVA, 2019, p. 2).

Como evidenciado, a diferença fundamental entre resenha textual e a vídeo-resenha reside na multisseiose, no sentido de que vídeo-resenhas articulam áudio e vídeo em sua forma, é multimodal por excelência. O objetivo fundamental de uma vídeo-resenha é a análise de uma obra sob o ponto de vista de quem faz análise, devendo ocorrer também a indicação da obra mediante a atribuição de valor positivo ou negativo da análise.

É importante destacar que as vídeo-resenhas possuem um caráter também didático, pois se propõe a ensinar, sendo propostas também de ensino. Essa é uma questão importante de se considerar, pois nas vídeo-resenhas analisadas podemos inferir como um de seus objetivos o ensino sobre obras literárias, mas também sobre a região do sertão.

4.1.1. Vídeo-resenha sobre a Fome, Rodolfo Teófilo



Figura 11: *Print* retirado do vídeo: Ano I. Vídeo II. Rodolfo Teófilo. A fome.

Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=DKUE9jvjoaE&ab_channel=RebPinheiro >

Acesso em 26 de agosto de 2023.

A primeira vídeo-resenha que analisamos foi publicada no dia 13 de abril de 2021, pelo canal do *Youtube* “Eu, Reb Pinheiro” e possui a duração de 07 minutos e 03 segundos. Reb é formada em Letras e em Direito e exerce a profissão de professora de Língua Portuguesa em cursos preparatórios para concursos públicos. Essa informação é relevante, porque fornece um indício para pensar que enquanto professora de português para concursos públicos um dos objetivos dessa vídeo-resenha é justamente funcionar como material didático. Na imagem de início, a *booktuber* mostra a obra, que traz na capa xilogravuras e uma cor quente. O cenário é composto por estantes que comportam alguns retratos e livros.

Conforme Bakhtin/Volochinov (2016), essa é uma informação que nos leva a pensar e refletir sobre qual o perfil psicossocial dessa professora, que é o “eu” do discurso, aquele sujeito que enuncia. É um perfil psicossocial que pode nos fazer inferir essa posição de quem ensina através de um gênero discursivo que também se pretende enquanto didático-pedagógico. Essa posição psicossocial nos permite identificar de algum modo qual é o destino dos enunciados, qual o perfil do outro ao qual os enunciados se direcionam.

Nesta questão, pode-se identificar que os enunciados da *booktuber* estão direcionados a pessoas que estão estudando para concursos públicos, para provas, ou mesmo para a apresentação de seminários escolares. Tratam-se de pessoas que estão buscando resumos e análises rápidas, pessoas que buscam aprender sem ler a obra em si, mas escutando resumos na internet, para que possam construir respostas ou mesmo comprarem os livros para leitura.

Na vídeo-resenha intitulada “Ano I. Vídeo II. Rodolfo Teófilo”, a resenhista Reb Pinheiro afirma que quando se pensa em seca logo se pensa em “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, já trazendo aí relações entre um fenômeno climático, que é a estiagem, ao romance literário a ser resenhado. “A Fome”, romance de Rodolfo Teófilo, é um romance que retrata a seca, mas a de 1877, no Estado do Ceará, sua primeira versão foi publicada ainda no mesmo século, em 1890.

Por sermos sujeitos datados, é importante reparar que estamos tratando do século XIX e não do século XXI, tampouco do século XX, mas que as mesmas questões, visões e ideias sobre o sertão cearense e a estiagem são ainda vigentes. Vejamos!

Reb, inicialmente, traz opiniões sobre a estrutura do livro, “A Fome”, sendo ele de uma leitura mais descritiva, conforme demanda o gênero discursivo, que apresenta em

detalhes as situações vividas pelos personagens. Ela profere: "quem tem o estômago fraco como eu vai sentir um certo mal-estar com as descrições que ele faz", em tom de risos e em risos. Logo mais afirma: "ele [o autor] vai se utilizar de termos técnicos que trazem muita realidade as situações *bem bizarras*; parece até coisa da imaginação". Mas, chega a esclarecer que as situações que ele retratou foram inspiradas em notícias jornalísticas. Enfatiza que os jornais que retrataram a estiagem no ano de 1877 traziam sentidos de uma vida animalesca, insensível.

Segundo também explica, a história do romance narra a vida de Manoel de Freitas, sua esposa Josefa e sua filha Carolina, que se juntaram a um grupo de retirantes e foram para a capital Fortaleza em busca de sobrevivência e que durante esse caminho sofreram alguns impasses. Para ela, o romance apresenta "as descrições das situações miseráveis que eles encontraram pelo caminho, as desgraças, muitas desgraças e situações deploráveis, deploráveis em consequência da seca" – fala a resenhista com face de desprezo, revelando-nos uma ideologia dominante. Vejamos um trecho de sua fala:

Red Pinheiro 06min Por mais que não vivenciemos a seca de 1877 e a de 1915, é importante a gente como brasileiro, cearense, nordestino, entender o que aconteceu na nossa história e o romance de Rodolfo Teófilo traz verdadeiramente (...), mas é interessante como através da literatura você consegue vivenciar novamente as histórias, os dramas, as dificuldades e esse livro faz isso.

Para a *booktuber*, a obra representa uma verdade para o sertão, seria o escritor Rodolfo Teófilo um etnógrafo responsável por contar essa verdade, efeito de verdade que diz respeito sobretudo às dificuldades que o sertão ocasiona. Para ela, o livro traria essa verdade para vivência do(a) leitor(a). Assim, a proposta de sentidos como ensino contribui para a massificação do sentido de sertão estereotipado e caricato.

A resenhista traz em sua fala, além de considerar que o autor da obra trouxe verdades sobre a região e não sentidos de verdade, que o autor dá possibilidade de quem está lendo vivenciar a suposta realidade por ele representada. Tal questão é relevante, porque à medida que se trata de um projeto de discurso e de ensino-aprendizagem, o co-enunciador tem grande chance de tomar os sentidos propostos como válidos. Para além de dar vida ao sertão da seca em sua época, dá-se a obra outro sentido de vida contemporânea ao sertão, outra porque não é a mesma, mas que recupera os diálogos

situados na história. Vejamos:

00:21 a 00:44 A Fome de Rodolfo Teófilo é um clássico da literatura cearense, mas no caso, ele vai retratar a seca de 1937, uma seca muito severa no Ceará... Rodolfo Teófilo, ele traz nesse livro uma linguagem muito descritiva, ele vai apresentar detalhes das situações vividas pela família protagonista... quem tem o estômago fraco como eu ((risos)) vai sentir um / um certo mal estar com as descrições que ele faz... porque Rodolfo Teófilo era farmacêutico e dentista, então ele vai se utilizar de muitos termos técnicos... que traz / trazem muita realidade nas situações.

Esse é o momento inicial da fala da *booktuber*, no qual percebemos que ela adjetiva a obra como um clássico. Ou seja, é uma obra considerada como o modelo no gênero literário, uma obra que se tornou clássica, conforme um ideal, de acordo com regras e usos estabelecidos. Para a *booktuber*, o que Teófilo faz é uma descrição que retrata a realidade e os sofrimentos da família. Ela compreende que a linguagem utilizada na obra representa um dado da natureza, nesse caso sobre a seca. Tal ideia de representação vai repercutir nos enunciados da sujeita e construir um fio de produção de sentidos de verdade. A *booktuber* pontua que considera as cenas descritas na obra como escabrosas em virtude da descrição detalhada e técnica realizada pelo autor.

A resenhista enfatiza que a obra trata de uma realidade vivenciada no sertão e reitera os sentidos propostos, o que produz junto à co-enunciação a reafirmação de tais sentidos. Dessa maneira, entendemos que há diversas situações sociais sendo feitas na ordem do discurso, pois temos na vídeo-resenha, nas vídeo-resenhas, a autora da obra falando com a *booktuber*, a *booktuber* falando com o/a estudante e o/a estudante possivelmente reproduzindo tais sentidos na vida social.

No decorrer da sua fala, a *booktuber* revela seu posicionamento ideológico acerca da obra. De início, conforme visto, ela considera que existe uma representação. Posteriormente, detalha que a descrição da obra é severa em virtude de aspectos técnicos utilizados pelo autor. Pode-se destacar, por exemplo, o alongamento de vogal no advérbio de intensidade muito, quando a resenhista se refere à seca que a obra retrataria. Trata-se de um advérbio de intensidade que por função sintática e semântica já intensifica sentidos, reforçados com o alongamento da vogal e as expressões faciais. Vejamos:

5:42 a 6:32 mas o forte da obra mesmo é a vida do sertanejo que enfrenta a seca... então é um livro muito interessante eu acho que é um romance excelente (momento em que expressa esse sentimento na face e nos trejeitos) que vale muito a pena a gente ler, porque por mais que hoje em dia nós não vivenciamos a seca de uma forma tão severa e brutal como foi a de 1877 e a seca de 1915, é interessante a gente voltar ao enredo como cearense, nordestino e entender a/o que aconteceu na nossa história e o/o romance de Rodolfo Teófilo nesse livro, *A Fome* traz muito verdadeiramente.

Assim, como Rodolfo Teófilo acreditou nos sentidos que a esfera midiática do final do século XIX externou, a *booktuber* também internalizou esses sentidos e acredita que a seca, ou melhor, a estiagem, foi a responsável pelas desgraças e deplorações sofridas, como enfatiza com veemência a professora. Entretanto, tais situações foram sofridas em decorrência do movimento de retirada dos centros econômicos e das elites do Nordeste para o Sul do país, quando a economia sofreu uma queda significativa após o declínio da cana-de-açúcar e mudou-se para as regiões do sul. Desde então, o Nordeste ficou responsável pelo setor agrário, sofrendo grande atraso econômico e as regiões sul e suldeste começaram a ter atividades econômicas de decisões nacionais.

4.1.2 Luzia-homem em vídeo-resenhas

Autor de *Luzia-Homem*, Domingos Olímpio era morador da cidade de Sobral, no Ceará, cidade que o livro retrata e que havia campos de concentração ou frentes de trabalho. No romance, Luzia era uma mulher que estava com a mãe doente e queria ir para o litoral em busca de melhoras, mas acabou trabalhando com a construção desses campos, usando “roupas de homem” para trabalhar. Tratava-se de uma discussão também em torno das questões de gênero. A obra se tornou um clássico da denominada literatura das secas, porque compôs o conjunto de obras que supostamente representavam as mazelas sociais ocasionadas pela seca.



Figura 12: *Print* retirado do vídeo: LUZIA-HOMEM, de Domingos Olympio 
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-gGfjCzLZ4c&t=178s&ab_channel=LIVROS%26E-BOOKS
Acesso em 26 de agosto de 2023.

O *booktuber*, que tem por nome Carlos Nunes, resenha a obra *Luzia-homem* em vídeo postado no Youtube. A vídeo-resenha tem quinze minutos e seis segundos de duração. No decorrer do vídeo, o resenhista descreve o enredo da obra e tece suas considerações, objetivo primeiro de uma vídeo-resenha, o de que se propõe também a ensinar. O cenário utilizado pelo resenhista é simples e existem algumas estantes e objetos como livros e algumas caixas. O início da apresentação do resenhista é marcado pela exposição da obra. Na capa, não existem traços que remetem aos significados estereotipados sobre o sertão, mas a desenhos que indicam desenhos, ao que parece de vegetações.

No decorrer da fala, existe o uso de algumas palavras reconhecidas para tratar do tema da seca no sertão, termos como “retirantes”, “êxodo rural”, mas também usa a palavra “seca” a todo instante para se referir ao fenômeno climático de estiagem que perdurou entre os anos 1877 a 1879 no Norte e, nesse caso, no Ceará, provocando modificações significativas na economia e na vida dos sujeitos em sua consequência. Além disso, afirma que o autor faz descrições nauseantes do sofrimento dos personagens, o que dialoga com o dito pela resenhista Red Pinheiro, ao resenhar a obra de Teófilo.

Esses são posicionamentos de mundo que interpelam sujeitos que estão à procura de informações, de aprender mais sobre o tema e encontram tais vídeo-resenhas, que são educativas, afinal, estão falando sobre a literatura brasileira. Assim, esses sujeitos são

interpelados por ideologias que subalternizam outras regiões a partir desses “ensinamentos”, pois os espaços educativos são instâncias que criam sujeitos, montando e modificando processos de conhecimentos em diferentes áreas, seja na linguística, histórica ou na geográfica. No momento de introdução da fala, novamente ocorre a citação de o Quinze de Rachel de Queiroz como a obra base e primeira a tratar sobre a seca. Mas, ele destaca que não há somente ela tratando sobre essa problemática.

0:13 a 6:32

Alguns leitores consideram que O Quinze de Rachel de Queiroz é a única obra a tratar da problemática da seca no nordeste. Foi lançada uma outra obra que se não trata especificamente desse problema, mantém a seca como pano de fundo e existe por causa dela e também se tornou um clássico, porém hoje em dia tá meio esquecido, o que é uma pena! Hoje a gente vai conversar sobre Luzia-homem de Domingos Olympio.

4.1.3 O Quinze em vídeo-resenhas

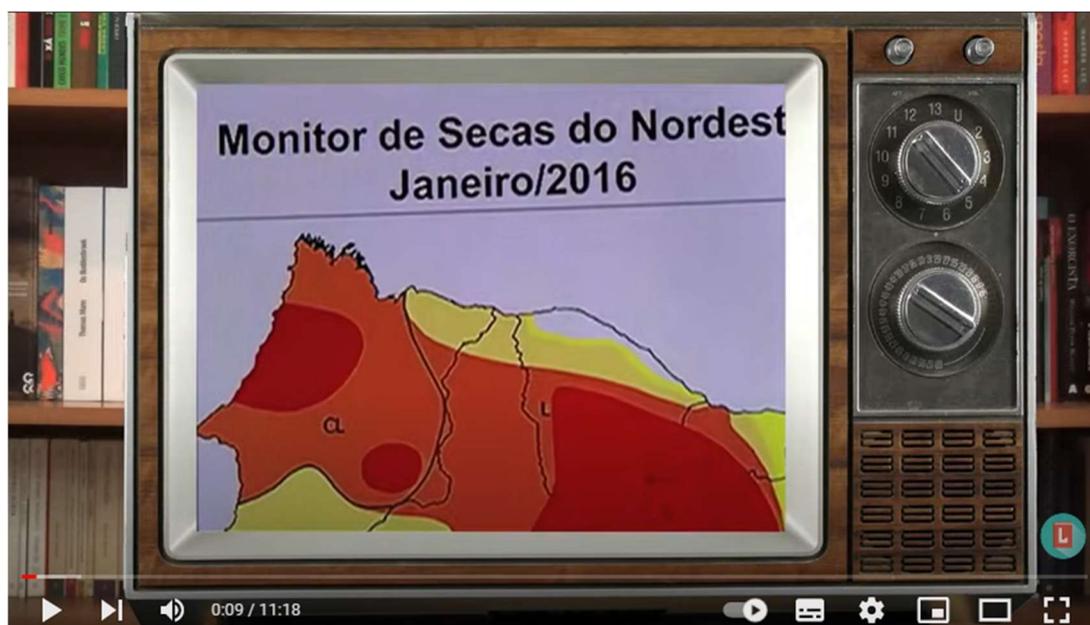


Figura 13: *Print* retirado do vídeo: O Quinze, Rachel de Queiroz.

Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=yzoPHKV4Kes&t=444s&ab_channel=LerAntesdeMorrer >

Acesso em 26 de agosto de 2023.

O romance literário “O quinze”, de Rachel de Queiroz, por sua vez, foi publicado no ano de 1930 e resenhando pelo canal no *YouTube* “Ler antes de morrer”, em 10 de março de 2017. O vídeo começa com elucidações sobre a seca do Nordeste, com uma reportagem televisiva falando sobre um novo mapa da seca, ainda mostra outro estudo sobre a redução do estado da seca em 2016, que teve intensificação em 2017. Esses vídeos foram colocados propositalmente na vídeo-resenha para justificar as primeiras falas da resenhista. Logo, ela afirma “(...) mas o problema de verdade que é o problema da seca do Nordeste, esse continua igualzinho, igualzinho há 100 anos atrás”

Nas cenas iniciais, a *booktuber* coloca imagens e falas de reportagens televisivas que tratam e constroem o fenômeno climático da seca. Nota-se na imagem uma TV antiga, o que também contribui para dizer que quando se fala em sertão, diz-se sempre sobre o outro, como afirma Albuquerque Jr. (2021), um outro que seria o arcaico.

Goulart (2009) revela que as relações sociais se materializam na palavra e é na palavra que Albuquerque Jr. (2011) e Santos Filho e Santos (2021) argumentam que ocorre a impregnação de sentidos. Nesse caso, sentidos que dizem sobre o sertão/Nordeste. Assim, temos a fala acima citada como exemplo disso, pois quando a *booktuber* afirma que a arte imortaliza o sofrimento, propõe que existem ecos e ressonâncias de outros enunciados, ou seja, são signos (re)materializados a partir de relações sociais. Dessa maneira, Grillo (2006) versa que o subjetivismo permeia visão corrente das práticas de produção da linguagem cotidianas, em que os indivíduos ao adentrarem no fazer prático, poucos refletem sobre a ordem social em que produzem e reproduzem. Então, quando a *booktuber* coloca primeiro matérias jornalísticas para justificar suas falas, fica numa visão determinista, como se o Nordeste/sertão determinasse os sujeitos, as regiões e os acontecimentos presentes fossem em detrimento dos acontecimentos do passado. Albuquerque Jr. (2021), explica que as teorias raciológicas e as geodeterministas se imbricam para explicar essas tentativas de forjar paisagens, temas e enunciados sobre a paisagem e sujeito sertanejo.

A análise das vídeo-resenhas evidencia que elas se configuram como projetos discursivos de ensino e fica evidente que os sujeitos resenhistas recuperam uma matriz discursiva hegemônica sobre o sertão, colaborando para a construção de noções sobre o território e seu povo. As especificidades do gênero discursivo encaminham para a compreensão de que existe de fato um projeto de ensino não somente sobre as obras, mas também sobre a região e o povo nela vivente. Como outra recorrência, a literatura é tomada como representação do real e culpabiliza a seca por todos os males humanitários ocorridos. Apesar disto, o que temos é uma proposta literária que logra êxito até os dias

atuais, por meio do regionalismo, no cinema, na música, na literatura e outras manifestações culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL) promove-nos muitas reflexões e, com elas, o desejo de investigar mais sobre dizeres acerca do sertão/semiárido/Nordeste. Por isso, quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatei que havia uma grande dificuldade de reconhecimento de novas paisagens sobre e para o sertão/Nordeste, além das ditas nos romances literários, que retratam o período de estiagem conhecido como “a grande seca” de 1877.

Assim, esse estudo permitiu compreender como enunciados midiáticos-escolares constroem e/ ou mantêm tais discursos, como práticas didáticas veiculadas nas video-resenhas. Por isso, se fez necessário estudar sobre “Lições on-line da ‘literatura da seca’ por booktubers e propostas de sentido sobre Sertão/Nordeste” e se fez necessário também pensarmos e problematizarmos o que é sertão/semiárido/Nordeste/seca e como esses discursos, das elites senhoriais, que foram propagados desde o século XIX, direcionam, nesse sentido, através de livros de literatura e da internet, olhares conservadores e direitistas, que marcam um saudosismo de uma época já não é mais vivida.

Esse saudosismo domina territórios, sejam eles físicos ou não, pois em nossas mentes continua latente o sentido estereotipado que cria descrições animais de sertanejos/nordestinos como brutos, machistas, patriarcais, que todos os dias saem para trabalhar na roça enquanto suas esposas cuidam dos filhos e eles vivem daquela pequena agricultura, isso quando a “seca” permite a plantação. Esse cenário, é um cenário subalterno, idealizado para dominar espaços, culturas, territórios e indivíduos.

Dessa maneira, a presente pesquisa percorreu desde os primórdios da minha escolha como estudante de Letras, adentrando em algumas das pesquisas que foram feitas e aqui citadas, através da metodologia da Linguística Aplicada, que é uma área indisciplinar e transdisciplinar, que entende a palavra como viva e não estanque para explicitar como aparecem os dados. Desse modo, mobilizei diversas áreas para analisar esses discursos a serem problematizados, como a história, geografia, literatura, linguística e a mídia, onde são veiculadas as video-resenhas.

Neste sentido, constato que o trabalho objetivou em seu geral, problematizar essas “atualizações” da “literatura da seca” feitas pelos resenhistas *booktubers* para

estudantes escolares e concurseiros e possibilitar pensar os sentidos, criticando o discurso hegemônico. Além disso, foi possível, especificamente, conhecer e problematizar as justificativas que motivaram essas video-resenhas, sendo então dizeres provenientes de ecos discursivos e que continuarão ecoando a partir desses gestos didáticos que sustentam a estereotipia, pois há uma performance didática que aparece como proposta de ensino/aprendizagem de literatura da seca, discutindo o que ela é e como ela se configurou nessas obras. Porém, foi possível enxergar essa estereotipia e discutir, ressignificando esses gestos figurativos da seca pela literatura.

Para tanto, me amparei nos fundamentos da Linguística Aplicada, pois a partir dela podemos fazer um agenciamento de saberes e ligar os aspectos linguísticos analisados à história do sertão nordestino, no início do século XX, à geográfica, estudando os aspectos climáticos como a estiagem, que é popularmente intitulada como “período de seca”, e à literatura. Nesse sentido, há uma ruptura na continuidade dos aspectos epistemológicos cartesianos positivistas, percebendo, aí, que a língua não é reduzida a um sistema, mas que a língua(gem) está entrelaçada aos aspectos sociais.

Por isso, concluiu-se que ao rivalizar as ideologias propagadas pelos resenhistas com o sertão/Nordeste existente, houve uma discrepância imagética gritante. Além disso, a invenção do Nordeste, que é saudosista e reacionária, carrega em si um discurso estereotipado. Somos indivíduos interpelados sempre por ideologias, pois, quando estamos expostos a esses modos de se pensar e dizer, estamos nos colocando num lugar de vozes que ecoam ecos a todo instante. É um telefone com fio e sem fio antagônico à realidade vivida no século XXI. O movimento de retirada que era visto como o êxodo rural, a grande história da salvação vivida por Abraão à procura da terra prometida, fértil, rica e de progresso acabou (se é que ele aconteceu dessa forma). A salvação, ao contrário do que é dito pelos exploradores de mão de obra do sul, as elites coloniais, está aqui e sempre esteve.

É nesse sentido que o GELASAL se faz importante na vida do indivíduo acadêmico, apesar do período pandêmico ter limitado as pesquisas, foi nas lições *on-line* feitas pelo grupo nas discussões semanais que pude questionar quais outras lições *on-line* circulam na internet e o que elas propõem de caracterização tanto para uma região, o Nordeste, quanto para sujeitos habitantes dela.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Poesia do Sol: O Discurso Popular sobre a Seca**. In: SILVA, Gean Carlo de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (orgs.). *Memória, História e Cordel em Alagoas: Teorias, Práticas e Experiências*. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 61 – 68.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Vede sertão, verdes sertões: cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas**. *Fênix – Revista de Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 13, ano XIII, n. 1, p. 1-27, jan./jun. 2016.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O Rapto do Sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino**. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 25, p. 21-35, maio/nov 2019.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Identidade, Tolerância e Construção da Noção de Nordeste**. Canal GEPHOM USP, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Pv8B8TqghxY&ab_channel=GEPHOMUSP>

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Dropando Mitos- Des-Homogeneizando o Nordeste**. Canal Coletivo Estopô Balaio, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gCkRIIWIGSc&ab_channel=ColetivoEstop%C3%B4Balaio>

BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed., São Paulo: Hucitec, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador – introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia com Marilena Chauí**- Só a palestra. YouTube, 08 de abril de 2022.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagens”: redescrições em curso**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

FONTES, Henrique. **A invenção do Nordeste, descaminhos sísmicos de uma peça documental do Grupo Carmin**. *Revista Observatório Itaú Cultural*. nº 25, maio/novembro, 2019.

GRILLO, Sheila V.C de Camargo et al. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

MIOTELLO, V. (2005). Ideologia. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave* São Paulo: Contexto, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 13 - 42.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 85-105.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 10 - 24.

MOITA LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. **Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada**. Calidoscópico, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 711–723, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. **Por uma “proximidade crítica” nos estudos em Linguística Aplicada**. Canal Diálogos, 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=qWdcGxni8gA&t=2131s> >.

RAMOS, Camila Faustina Santos Pereira. **Layla: uma borboleta negra sertaneja, abordagem queer da performatização de si como mulher trans**. 2019.

ROJO, R. H. R. **Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento**. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, pp. 253-276, 2006.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos; SANTOS, Hugo Pedro Silva dos. **As palavras na berlinda: “os retirantes do coronavírus” / “O novo êxodo nordestino” [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]**. In. SOUTO MAIOR, Rita de Cássia; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira (Orgs.). *Estudos das práticas de linguagem em tempos de pandemia*. Maceió: Edufal, 2020, p. 112-148.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIGNORINI, Inês. **Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em LA**. In. Inês gr e Marilda Cavalcanti (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade – questões e perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 99-110.

SILVA, Alessandra dos S. S. Vídeo-resenha: **Uma proposta para o letrament difital nas aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado Profissional em letras- PROFLETRAS-Intituto LETRAS, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora34, 2º ed., 2016.